

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Programa de Pós-Graduação em Educação Física



**ASPECTOS MOTIVACIONAIS E DESEMPENHO TÉCNICO-TÁTICO
EM PRATICANTES DE FUTSAL COM 10 A 13 ANOS DE IDADE**

Carlos Eduardo Barros David

Pelotas, 2012

Carlos Eduardo Barros David

**ASPECTOS MOTIVACIONAIS E DESEMPENHO TÉCNICO-TÁTICO EM
PRATICANTES DE FUTSAL COM 10 A 13 ANOS DE IDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Dr. Telmo Pagana Xavier

Pelotas, 2012

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Flavio Medeiros Pereira

Prof. Dr. José Francisco Gomes Schild

Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Telmo Pagana Xavier pela qualidade das orientações, pelo incentivo e apoio durante a realização do projeto e por acreditar em uma proposta nova que possa contribuir para um melhor desenvolvimento do trabalho realizado com crianças no esporte.

À minha família, em especial a Erenita, por entender a importância do projeto e contribuir com aspectos pedagógicos em sua realização. Aos filhos João Pedro e Rafael pela paciência em dividir os momentos de lazer com a realização da pesquisa.

Às crianças integrantes da pesquisa e seus pais que autorizaram as suas participações, por entenderem a importância do estudo e uma melhor contribuição para o futuro esportivo.

Aos amigos Leon Denis Safadi Dode, Renato Votto Júnior, João Roberto Hammes de Gusmão e Roger Quevedo Peres que permitiram a realização da pesquisa em seus clubes e contribuíram de forma significativa com informações sobre os atletas pesquisados.

“O estímulo à competição deveria ser aplicado somente àqueles que são motivados para este fim, sendo que o estímulo inadequado pode influenciar e prejudicar sua motivação, aderência ou continuidade no esporte”.

Roberto Mario Scalon

em *A Psicologia do Esporte e a Criança*

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo analisar a associação entre motivação esportiva e desempenho técnico-tático de praticantes de futsal com idade de 10 a 13 anos nos clubes da cidade de Pelotas. Inicialmente, foi aplicado um questionário de motivação esportiva (GAYA; CARDOSO, 1998) a 189 praticantes de futsal de escolinhas (n=108) e equipes competitivas (n=81), verificando-se a predominância do fator motivacional competência esportiva, seguido dos fatores saúde e amizade/lazer. Com base nos resultados deste questionário, os praticantes de futsal foram classificados em 4 grupos de acordo com a participação em escolinhas ou equipes competitivas e conforme a tendência motivacional: competência esportiva ou amizade/lazer/saúde. A análise do desempenho técnico-tático foi realizada em três fases distintas: início, meio e final da temporada, com a aplicação do GPAI – *Game Performance Assessment Instrument* (OSLIN; MITCHEL; GRIFFIN, 1998) a 43 praticantes de futsal nos seguintes grupos: 11 praticantes no grupo de escolinhas com tendência motivacional amizade/lazer/saúde (G1-ALS), 11 no grupo de escolinhas, com tendência motivacional competência esportiva (G1-CE), 10 no grupo competitivo com tendência motivacional amizade/lazer/saúde (G2-ALS) e 11 no grupo competitivo com tendência motivacional competência esportiva (G2-CE). Houve diferença significativa do início para o final da temporada em 3 grupos: G2-ALS, G2-CE e G1-ALS, sendo que no final da temporada o grupo G2-CE foi significativamente diferente dos demais grupos. Houve associação entre motivação para a prática esportiva e desempenho técnico-tático obtido ao longo de uma temporada. Os praticantes de tendência motivacional competência esportiva obtiveram maior desempenho técnico-tático nas equipes competitivas, e os praticantes de tendência motivacional amizade/lazer/saúde obtiveram maior desempenho técnico-tático nas escolinhas.

Palavras chave: Futsal. Motivação Esportiva. Desempenho Técnico-tático.

ABSTRACT

The research aimed to analyze the association between motivation and performance sports tactical-technical indoor soccer players at the age of 10 to 13 years in the clubs of the city of Pelotas. Initially, was applied a questionnaire motivational sports (GAYA; CARDOSO, 1998) to 189 indoor soccer in non-competitive teams (n=108) and competitive teams (n=81), verifying the predominant factor motivating sport competence, followed by health factor and friendship / leisure. Based on the results of this questionnaire, the indoor soccer were classified into 4 groups according to participation in non-competitive or competitive teams and motivational factors: sport competence or friendship/leisure/health. The analysis of technical and tactical performance was conducted in three phases: beginning, middle and end of the season, with the application of GPAI – Game Performance Assessment Instrument (OSLIN; MITCHEL; GRIFFIN, 1998) to 43 indoor soccer in the following groups: 11 soccer indoor in the non-competitive group with motivational tendency friendship/leisure/health (G1-ALS), 11 in the non-competitive group with tendency motivational sport competence (G1-CE), 10 in the competitive group with tendency motivational friendship/leisure/health (G2-ALS) and 10 in the competitive group with tendency motivational sport competence (G2-CE). Significant differences from the beginning to the end of the season in 3 groups: G2-ALS, G2-CE e G1-ALS, and at the end of the season, the group G2-CE was significantly different from the others groups. There was an association between motivation for sports and performance tactical-technical achieved over a season, with soccer players of motivational tendency sport competence with a higher gain learning in tactical-technical performance in competitive teams, and soccer players of motivational tendency friendship/leisure/health with a higher gain learning in tactical-technical performance in non-competitive teams.

Keywords: Indoors Soccer. Motivation. Technical and tactical performance.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Média, desvio padrão e assimetria dos pesquisados	53
Tabela 2 – Média e desvio padrão dos pesquisados de acordo com seu grupo: escolinha ou equipe competitiva	55
Tabela 3 – Quantidade de participantes por grupo para análise do desempenho	56
Tabela 4 – Praticantes G2 de acordo com os fatores motivacionais por equipe	57
Tabela 5 – Média e desvio padrão do questionário de motivação para a prática esportiva dos 4 grupos da 2ª etapa da pesquisa	58
Tabela 6 – Média e desvio padrão do desempenho esportivo no grupo G2-ALS nas três etapas de avaliação	59
Tabela 7 – Teste de normalidade do grupo G2-ALS nas três etapas de avaliação	59
Tabela 8 – Teste t dependente no grupo G2-ALS	59
Tabela 9 – Média e desvio padrão do desempenho esportivo no grupo G2-CE nas três etapas de avaliação	60
Tabela 10 – Teste de normalidade do grupo G2-CE nas três etapas de avaliação .	60
Tabela 11 – Teste t dependente no grupo G2-CE	61
Tabela 12 – Média e desvio padrão do desempenho esportivo no grupo G1-ALS nas três etapas de avaliação	62
Tabela 13 – Teste de normalidade do grupo G1-ALS nas três etapas de avaliação	62
Tabela 14 – Teste t dependente no grupo G1-ALS	62
Tabela 15 – Média e desvio padrão do desempenho esportivo no grupo G1-CE nas três etapas de avaliação	63
Tabela 16 – Teste de normalidade do grupo G1-CE nas três etapas de avaliação	63
Tabela 17 – Teste t dependente no grupo G1-CE	64
Tabela 18 – Teste t independente para o grupo não competitivo G1	65
Tabela 19 – Teste t independente para o grupo competitivo G2	66
Tabela 20 – A nova dos 4 grupos para início e final de temporada	67
Tabela 21 – Comparação entre os grupos no início e final de temporada	67

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
1.1.	Objetivos	14
1.1.1.	Objetivo geral	14
1.1.2.	Objetivos específicos	14
1.2.	Justificativa	15
1.3.	Hipóteses	15
1.4.	Definição de termos	16
2.	REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1.	O Futsal	18
2.2.	Desenvolvimento técnico-tático	22
2.3.	Treinamento na infância e adolescência	28
2.4.	Ambiente esportivo	35
2.5.	Competição em categorias menores	39
2.6.	Aspectos motivacionais para a prática esportiva	42
3.	METODOLOGIA	48
3.1.	Caracterização do estudo	48
3.2.	População e amostra	48
3.3.	Delineamento do estudo	49
3.4.	Instrumentos de medida	49
3.5.	Procedimentos	50
3.6.	Tratamento estatístico	52
3.7.	Parecer do Comitê de Ética.....	52
4.	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	53
4.1.	Fatores motivacionais para a prática esportiva	53
4.2.	Divisão dos grupos para análise do desempenho esportivo	55
4.3.	Análise do desempenho esportivo	58

4.3.1. Grupo de equipe competitiva, com tendência motivacional amizade/lazer/saúde (G2-ALS)	58
4.3.2. Grupo de equipe competitiva com tendência motivacional competência esportiva (G2-CE)	60
4.3.3. Grupo de escolinhas com tendência motivacional amizade/lazer/saúde (G1-ALS).....	61
4.3.4. Grupo de escolinhas, com tendência motivacional competência Esportiva (G1-CE)	62
4.3.5. Comparação entre os grupos	64
4.3.6. Comparação dos grupos	66
5. CONCLUSÃO	68
6. LIMITAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES PARA FUTURAS PESQUISAS	70
7. REFERÊNCIAS	71
8. APÊNDICES	78
9. ANEXOS	86

1. INTRODUÇÃO

O futsal é um dos esportes mais praticados no Brasil, seja na forma competitiva ou como recreação e lazer. A paixão do brasileiro pelo futebol é cultural e a facilidade da prática do Futsal, em função do número de participantes no jogo, do elevado número de gols e do espaço reduzido é que torna o esporte motivante (REZER, 2003). Com a popularização do futsal e as conquistas brasileiras no cenário internacional, o esporte ganhou adeptos e passou a ser praticado em clubes recreativos e escolas regulares, como esporte educação ou esporte participação (COUTO et al., 2007).

A divulgação do futsal adulto nos meios de comunicação e o aumento da prática em escolas e clubes favorecem que a iniciação à prática esportiva aconteça cada vez mais cedo, seja na forma de recreação e lazer, ou na forma competitiva, com um aumento no número de praticantes em escolinhas e clubes esportivos. Hoje é comum existirem competições nas categorias iniciação (7, 8 e 9 anos) e ter escolinhas em clubes esportivos para crianças a partir de 5 anos.

As principais federações de futsal do Brasil realizam competições nas categorias menores - categoria iniciação (7,8 e 9 anos), pré-mirim (10 e 11 anos), mirim (12 e 13 anos), infantil (14 e 15 anos), infanto-juvenil (16 e 17 anos) e juvenil (18, 19 e 20 anos). O Rio Grande do Sul, por ser um estado tradicional em equipes adultas de Futsal com resultados expressivos em competições nacionais, está inserido neste contexto, com a proliferação de escolinhas e equipes competitivas nas diversas categorias, e a elaboração de competições oficiais e não-oficiais em todas as categorias. Porém, o formato de competições elaborado para as categorias menores é muito semelhante ao oferecido para a categoria adulta, o que causa uma grande preocupação, principalmente quanto ao desenvolvimento destas crianças no aspecto técnico-tático e fundamentalmente emocional.

Para a formação do atleta de futsal é importante o desenvolvimento de aspectos físicos, técnicos, táticos e psicológicos, sendo que o aperfeiçoamento

técnico-tático depende da evolução das capacidades coordenativas e condicionais. A melhor fase para aquisição e assimilação dos fundamentos técnicos e táticos e das capacidades coordenativas e psicomotoras é a infância e adolescência e quanto mais experiências motoras forem vivenciadas nestas fases, maior será seu acervo motor.

O treinamento elaborado para crianças e adolescentes não deve seguir o mesmo modelo adotado para treinamentos de adultos, mas sim adaptar-se às características e possibilidades de cada praticante dentro de sua faixa etária. O esporte, ensinado para criança, deve ter um enfoque educacional, lúdico, prazeroso e recreativo, possibilitando que o aprendizado aconteça de forma natural, através das vivências de atividades que aumente o seu acervo motor.

A prática esportiva para crianças, quando oportunizada em um ambiente saudável e por profissionais qualificados e competentes, traz benefícios relacionados a melhor qualidade de saúde, ao desenvolvimento de qualidades físicas, aquisição de habilidades motoras, conhecimentos específicos de cada esporte, melhora da autoconfiança e auto-estima, além de uma sociabilização, com a melhora na convivência e no relacionamento com outras pessoas (FILIN, 1996; BECKER JR, 2000; HALLAL et al., 2004).

O esporte competitivo exige a execução correta de fundamentos técnico-táticos e tomada de decisões apropriadas, para que a equipe consiga alcançar as vitórias e conquistas, porém a participação de crianças em competições deve ser feita com cuidado, para que não haja uma cobrança excessiva de resultados por parte de pais, técnicos e torcedores. O atual sistema esportivo infantil é semelhante ao adotado nas competições adultas, onde há a valorização da vitória a qualquer custo, do sucesso, de títulos em detrimento da superação dos próprios limites ou do aprendizado de técnicas em conformidade com sua faixa etária ou sua capacidade.

Pesquisas de Hallal et al, (2004) e Scalon (2004) apontam que há um índice grande de abandono de esportes a partir dos 11 anos para atletas que participaram de equipes competitivas nas idades menores, por prejuízo nos estudos, falta de apoio do técnico e dos pais, dificuldade de relacionamento com o técnico, saturação do treino, monotonia de treinamento, pressão e cobrança de resultados e estresse da competição, principalmente porque as crianças não estão preparadas psicologicamente para suportar a pressão por resultados em idades tão tenras.

Vários fatores interferem na criação de um ambiente esportivo propício para a evolução da criança, como a formação e atuação do treinador de categorias menores, a convivência na equipe ou clube esportivo, os torcedores, a influência da família no desenvolvimento esportivo e a forma como as competições são estabelecidas. Todos estes fatores são importantes para motivarem as crianças à aderência e continuidade na prática esportiva (VILANI & SAMULSKI; 2002, SERPA, 2003; MACHADO et al., 2010).

No contexto de uma escolinha ou equipe competitiva, as crianças podem ter motivações diferentes de outras crianças do mesmo grupo, ou motivações diferentes dos agentes externos – pais, técnicos e torcedores, para a prática do futsal. Porém, estas crianças estão agrupadas, não de acordo com suas motivações, mas conforme as motivações dos adultos (pais e treinadores), que interferem no desenvolvimento da criança, principalmente no aspecto emocional. Estas diferenças de motivação ou o estímulo inadequado à competição estão relacionados à continuidade na prática esportiva e ao seu desempenho técnico-tático dentro das partidas.

A motivação está ligada diretamente ao rendimento ou desempenho técnico-tático do atleta e ambos são afetados pelas variáveis ambientais ou sociais, positiva ou negativamente a curto, médio ou longo prazo (VAQUERO, 2005).

O sonho de ser um jogador profissional, ter sucesso no esporte, aprender novas técnicas esportivas, sociabilizar-se através do esporte, utilizar o esporte para melhoria da saúde e lazer são alguns dos fatores que levam a criança a escolher o futsal como atividade a ser realizada.

O futsal é um esporte que atrai muitas crianças para sua prática, e o interesse ou a motivação vai se alterando de acordo com a evolução e o desenvolvimento do atleta. Estudos sobre os motivos de aderência à prática esportiva são aplicados nos mais diversos esportes, utilizando-se instrumentos específicos para avaliação. O instrumento de Gill, Gross e Huddleston (1983) classifica os motivos em oito fatores: realização/status, espírito de equipe, *fitness*, gasto de energia, fatores situacionais, desenvolvimento de habilidades, amizade e diversão. Já o Inventário de Motivação para a Prática Esportiva, desenvolvido por Gaya e Cardoso (1998) apontou como motivos a competência esportiva, amizade e recreação/lazer.

Baseado nestas pesquisas e nas inquietações que o esporte infantil suscita pelas consequências que traz para o desenvolvimento das crianças na prática esportiva, busca-se nesta pesquisa detectar os motivos que levam a criança à prática do futsal em escolinhas e equipes competitivas e o desempenho técnico-tático obtido por estes praticantes nas idades de 10 a 13 anos ao longo de uma temporada, o que resulta no seguinte problema de pesquisa:

Há associação entre os aspectos motivacionais e o desempenho técnico-tático de atletas praticantes de Futsal em escolinhas e equipes competitivas na faixa etária de 10 a 13 anos?

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar a associação entre os aspectos motivacionais e o desempenho técnico-tático obtido no decorrer de uma temporada de praticantes de escolinhas e equipes de Futsal na faixa etária de 10 a 13 anos.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar os motivos que levam a criança a praticar o futsal na faixa etária de 10 a 13 anos;
- Identificar os aspectos motivacionais predominantes para a prática do futsal em integrantes de escolinhas;
- Identificar os aspectos motivacionais predominantes para a prática do futsal entre integrantes de equipes competitivas;
- Verificar o desempenho técnico-tático dos integrantes de escolinhas e equipes de futsal durante uma temporada;
- Verificar se existem diferenças no desempenho técnico-tático no final da temporada em relação ao início entre integrantes de escolinhas e equipes competitivas de futsal;
- Verificar se existe associação entre os aspectos motivacionais para a prática esportiva e o desempenho técnico-tático durante uma temporada;

1.2 Justificativa

O estudo sobre os aspectos motivacionais e o desempenho técnico-tático de praticantes de futsal na idade de 10 a 13 anos, realizada nos clubes esportivos e escolinhas de futsal na cidade de Pelotas, justifica-se pelos seguintes fatores:

- Nos últimos anos, há um interesse crescente das crianças, na faixa etária estudada, pela prática do futsal, com um aumento de escolinhas e equipes competitivas;
- A cidade de Pelotas é considerada um celeiro na formação de atletas de futsal e futebol de campo, além da tradição de participação e conquistas em competições de categorias menores;
- Há uma carência de pesquisas na área do futsal, sendo que as poucas existentes abordam apenas os aspectos motivacionais (HERNANDEZ, 2004; VEIGA & TEIXEIRA, 2007; ORTIZ et al., 2008 TERRA et al., 2009). Existe apenas uma pesquisa relacionando os aspectos motivacionais com o desempenho técnico-tático, porém na modalidade futebol e abrangendo ambos os sexos e na idade de 10 a 16 anos (PAIM, 2001b);
- O estudo sobre os aspectos motivacionais para a prática esportiva serve como parâmetro para elaboração de treinamentos mais adequados ao interesse do praticante, de acordo com os aspectos motivacionais predominantes, contribuindo no processo de ensino-aprendizagem e para a continuidade no esporte;
- A análise do desempenho técnico-tático durante uma temporada completa (início, meio e final) permite uma avaliação se houve evolução do praticante no decorrer de um ano;
- O estudo da associação entre motivação esportiva e desempenho técnico-tático é inédito e possibilita verificar se a evolução dos praticantes de futsal no desempenho técnico-tático está de acordo com a tendência motivacional.

1.3 Hipóteses

- O maior índice de motivação entre os atletas de escolinhas e equipes competitivas será a competência esportiva;

- Os aspectos motivacionais saúde e amizade/lazer serão predominantes entre os integrantes de escolinhas de futsal;
- O aspecto motivacional predominante entre os integrantes de equipes competitivas será a competência esportiva;
- Entre os integrantes de equipes competitivas, os que apresentam tendência motivacional competência esportiva tem um melhor desempenho técnico-tático ao final da temporada, em relação aos que apresentam tendência motivacional amizade/lazer/saúde;
- Entre os integrantes de escolinhas, os que apresentam tendência motivacional amizade/lazer/saúde tem um melhor desempenho técnico-tático ao final da temporada, em relação aos que apresentam tendência motivacional competência esportiva;
- O desenvolvimento técnico-tático dos atletas de escolinhas e equipes competitivas de Futsal está associado aos aspectos motivacionais.

1.4 Definição de Termos

Futsal – É um esporte coletivo jogado em quadra, com duas equipes de 5 jogadores cada, sendo um goleiro e 4 jogadores de linha. É um esporte emergente, muito praticado no Brasil e tem características de manifestação cultural assim como o futebol (REZER, 2003).

Escolinha de Futsal – ambiente de prática do futsal, não competitivo, de clima cooperativo, lúdico e de criatividade, prevendo conteúdos diversificados e a socialização de conhecimentos (SANTANA, 2004).

Equipe competitiva em categorias menores – ambiente que tem as mesmas características das equipes adultas de alto rendimento, envolvendo habilidades, valores, conhecimentos e disposições com o intuito de ser reconhecido no esporte, onde a criança enfrenta uma forte cobrança por resultados, como na competição adulta (SIMÕES et al., 1999).

Categoria pré-mirim – compreende os alunos de escolinhas e equipes competitivas de Futsal com idade de 10 e 11 anos, completados até o dia 31 de dezembro do corrente ano (FGFS, 2010).

Categoria mirim – compreende os alunos de escolinhas e equipes competitivas de Futsal com idade de 12 e 13 anos, completados até o dia 31 de dezembro do corrente ano (FGFS, 2010).

Desempenho técnico-tático – análise dos componentes individuais do desempenho no jogo com bola - tomada de decisão e execução dos fundamentos, e sem bola - ações de suporte ou apoio (OSLIN et. al., 1998)

Motivação – É a força interior, impulso ou intenção que leva uma pessoa a fazer algo ou agir de certa forma (MAGILL, 2001).

Aspectos motivacionais – são os fatores identificados como parâmetros motivacionais para a prática esportiva (GAYA & CARDOSO, 1998).

Temporada – É um período contínuo de treinamento, denominado ciclo anual de treinamento, composto pelas etapas preparatória, competitiva e transitiva (FILIN, 1996).

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O futsal

O futsal é um dos esportes mais praticados no Brasil. Hoje, estão registrados na entidade máxima do futsal brasileiro 310.000 atletas, mais de 4.000 clubes e estima-se um total de 12 milhões de praticantes como forma de recreação e lazer (CBFS, 2010).

A paixão do brasileiro pelo futebol e a diminuição de espaços para sua prática, principalmente pela valorização imobiliária e outros fatores sócio-econômicos faz crescer o número de adeptos no Futsal, que ao contrário do futebol de campo, tem cada vez mais quadras e espaços determinados para sua prática. Além disso, o número de atletas participantes do jogo, a maior incidência de gols por partida e as alterações de regras, visam tornar o esporte mais dinâmico e motivante (REZER, 2003).

O futebol desenvolveu-se muito no mundo e desperta a atenção tanto de atletas quanto de torcedores. Com a dificuldade de obtenção de campos nos grandes centros, e visando uma adaptação do futebol tradicional, surgiu o futebol de salão (COUTO JR. et al., 2007)

O futsal é oriundo do futebol de salão, que possui duas versões para seu surgimento. Uma versão aponta para a criação, por volta de 1940, pelos freqüentadores da Associação Cristã de Moços em São Paulo, em função das dificuldades de encontrar campos de futebol, com a prática acontecendo em quadras de basquete ou hóquei; outra versão indica a criação do esporte na Associação Cristã de Moços de Montevidéu (Uruguai), em 1934, pelo professor Juan Carlos Ceriani, que denominou este esporte como "*Indoor foot-ball*" (CBFS, 2010).

Antes das regras serem estabelecidas, jogava-se futebol de salão com equipes formadas por 5 a 7 jogadores. O futebol de salão teve, no seu início, uma mescla de regras do futebol de campo, basquete, handebol e pólo-aquático. Após

vários estudos, foi definido, na década de 50, o número de 5 participantes por equipe no jogo (VOSER, 1996; MOLINUEVO, 1997; COUTO JR. et al., 2007).

O futebol de salão durante muito tempo foi caracterizado como “esporte da bola pesada” porque as bolas foram diminuídas em seu tamanho e tiveram seu peso aumentado, em função de que eram de serragem ou crina vegetal, quicavam muito e frequentemente saíam da quadra de jogo (COUTO JR. et al., 2007; CBFS, 2010; FGFS, 2010).

O Brasil é um dos grandes destaques no cenário mundial, tem conquistado resultados expressivos em competições internacionais, tanto com a seleção na disputa de mundiais, como com clubes na disputa de sul-americanos e mundiais interclubes. No mundial de seleções adulto, das 9 edições disputadas desde 1982, o Brasil sempre esteve entre os primeiros colocados, com 6 títulos, 2 vice-campeonatos e 1 terceiro lugar (CBFS, 2010).

Na Europa, relata-se que, no início dos anos 50, praticava-se este esporte, e debatia-se como se utilizar do espaço de quadras cobertas para a melhora do futebol. Utilizava-se a quadra coberta somente nos períodos em que era impossível usar o campo em função do clima (MOLINUEVO, 1997).

No início da década de 90, com a fusão do futebol de salão com o futebol de cinco, que era um esporte similar ao futebol de salão, com 5 jogadores, bola mais leve, jogado principalmente nos Estados Unidos, mas sem muita aceitação em outros países (REZER, 2003), a FIFA (Federation Internationale de Football Association) encampou a Fifusa (Federação Internacional de Futebol de Salão) e passou a comandar internacionalmente o esporte, que a partir deste momento, denominou-se futsal. A FIFA, ao assumir o futsal, tinha como objetivos principais divulgar o esporte, estendendo-o aos demais países, desenvolver o futsal no mundo, e conduzir o esporte ao programa olímpico, o que ainda não foi concretizado (VOSER, 1996; COUTO JR. et al., 2007; CBFS, 2010; FGFS, 2010). Hoje, o futsal é um dos esportes coletivos que mais crescem no mundo, já é praticado em mais de 130 países, destacando-se, além do Brasil, a Espanha, Itália, Rússia, Holanda, Ucrânia e Portugal (CBFS, 2010; FGFS, 2010).

Entre as principais mudanças nas regras determinadas pela FIFA e que modernizaram o Futsal estão: a) o aumento das quadras de jogo que eram pequenas, tanto em comprimento quanto em largura para quadras de 40mx20m; b) a área de meta passou de 4m para 6m; c) a bola teve sua circunferência aumentada

e seu peso diminuído; d) as substituições de jogadores que eram limitadas a 7 por equipe passaram a ser ilimitadas; e) o goleiro passou a ter a possibilidade de jogar fora da sua área de meta; f) o jogo passou a ser controlado por 2 árbitros ao invés de um árbitro e 2 auxiliares; g) os gols passaram a ser válidos de dentro da área de meta; h) os laterais e escanteios passaram a ser cobrados com o pés ao invés das mãos; i) o goleiro pode fazer a reposição de bola no tiro de meta atirando além da linha de meia quadra; j) inclusão do tiro livre sem barreira, a partir da 6ª falta cometida pela equipe infratora (MOLINUEVO, 1997). A dinâmica do jogo mudou muito com estas alterações, com maior agilidade e evoluções táticas contundentes (REZER, 2003).

No cenário nacional, o Rio Grande do Sul destaca-se com seus clubes que já conquistaram 8 títulos da Liga Nacional em 14 anos de disputa. A seleção gaúcha conquistou 8 campeonatos brasileiros de seleções, sendo o estado mais vitorioso nesta competição (CBFS, 2010). No âmbito estadual, o campeonato gaúcho sempre foi muito disputado, com equipes qualificadas e que investem na contratação de bons jogadores e técnicos.

As cidades de pequeno e médio porte, através do apoio do poder público e de empresários, investem em equipes de futsal, tornando-as seu cartão de visita. Ginásios lotados em dias de jogos, com a participação de famílias inteiras torcendo pelas equipes de sua comunidade (REZER, 2003) são comuns nos estados em que o futsal mais se desenvolveu e mais tem investimentos, como Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Da mesma forma que o futebol, o futsal vem se popularizando, sendo tão praticado quanto o próprio futebol. É um esporte emergente, que tem muitas características como manifestação cultural: a) originado do próprio futebol; b) processo de profissionalização na modernidade; c) crescente popularização; d) facilidade de prática, quanto a materiais e espaço; e) magia e encanto que permeiam sua prática; f) ginásios lotados em competições dos mais variados níveis; g) grande número de praticantes (REZER, 2003).

Uma equipe de futsal é formada por um goleiro, um fixo, 2 alas e um pivô. Com a modernização e a dinâmica do esporte através de seus sistemas táticos de jogo, exige-se que um atleta se movimente em todas as posições e desempenhe múltiplas funções (BELLO JR, 1998).

O futsal ganhou, durante sua trajetória histórica, muitos adeptos, alcançando grande popularidade e chegando a clubes recreativos e escolas regulares, tendo relevância não só no esporte rendimento, mas também como esporte educação ou esporte participação (COUTO et al., 2007). De acordo com suas aplicações práticas e formações básicas, pelas diferentes etapas da vida esportiva, divide-se em: futsal recreativo, futsal educativo e futsal competitivo. O futsal recreativo é a etapa de início da prática esportiva, estimulando o gosto pelo esporte e sua prática na forma de lazer. O futsal educativo é a etapa de iniciação dos movimentos básicos e fundamentos do esporte, de acordo com os princípios pedagógicos, com o aprendizado em primeiro plano e direcionando crianças e jovens para participação em futuras competições. O futsal competitivo tem o caráter de formação de atletas de alto nível, com uma estrutura oferecida não só de treinamentos técnicos, táticos e físicos, mas de um acompanhamento emocional, médico, fisioterápico, alimentar, visando a formação de atletas na busca de alto desempenho esportivo (BELLO JR., 1998).

A partir do grande interesse que o futsal desperta e a prática nas escolas e clubes esportivos, surgem as escolinhas e equipes para crianças. Na década de 80, surgem as primeiras competições nas categorias menores promovidas pelas federações de futsal. Atualmente, no Rio Grande do Sul, existem competições nas categorias iniciação (7, 8 e 9 anos), pré-mirim (10 e 11 anos), mirim (12 e 13 anos), infantil (14 e 15 anos), infanto-juvenil (16 e 17 anos) e juvenil (18, 19 e 20 anos), tendo como referência a idade citada completada até o último dia do ano (FGFS, 2010).

As equipes de futsal, ou categorias de base, são os espaços de formação nos clubes que tem a categoria adulta competitiva ou em equipes que participam de competições oficiais nas categorias menores. A preocupação maior é preparar o atleta para futuramente jogar nas equipes profissionais, enquanto que as escolinhas são espaços que variam desde a formação de futuros atletas até práticas de brincadeiras e passatempos (REZER, 2003).

A cidade de Pelotas é um dos grandes celeiros de atletas, com as equipes adultas atingindo vários títulos estaduais na década de 70, sendo por alguns anos a cidade referência no esporte. Também, com o trabalho desenvolvido nas categorias menores a partir da década de 80, a cidade é reconhecida como formadora de

atletas, sendo que muitos atletas formados em Pelotas estão hoje participando de equipes de ponta no futsal nacional e internacional.

2.2 Desenvolvimento técnico-tático

O futsal é um esporte principalmente para jogadores com habilidade técnica, para os que gostam de impor seu domínio sobre a bola, induzir o adversário ao erro, superá-lo e conseguir os gols mediante o jogo individual, ou em colaboração com outros jogadores, para que possam em superioridade numérica fazerem os gols. A posse de bola é fundamental muito importante no Futsal (TEUNISSEN, 1995). Deve ser considerado como um esporte acíclico coletivo, devido às suas variáveis em toda a movimentação, na execução de ações para que os jogadores quebrem uma marcação mais acirrada, visando uma vantagem individual (BELLO JR., 1998).

Para a realização dos movimentos executados nos jogos desportivos, constituem-se pré-requisitos ao aperfeiçoamento técnico e tático, as capacidades coordenativas e condicionais. As capacidades coordenativas mais importantes são: a) capacidade de controle motor; b) capacidade de reação motora; c) capacidade de diferenciação motora; d) capacidade de combinação motora; e) capacidade de transformação motora. Como requisitos condicionais mais importantes estão: a) força explosiva, de lançamento ou de arremesso; b) velocidade de deslocamento, de execução de movimentos diferentes e da combinação de movimentos; c) resistência, força explosiva e aceleração; d) impulsão e capacidade de interrupção dos movimentos (MENEZES, 1998).

Como o futsal é um esporte acíclico, algumas qualidades físicas são consideradas essenciais: a) resistência aeróbica, pelo tempo total de jogo, em média 61 minutos corridos; b) resistência anaeróbica alática, em função dos fundamentos passes, chutes e piques de curta distância; c) resistência anaeróbica láctica, pelas múltiplas repetições de movimentos e a intensidade do jogo; d) resistência muscular localizada, pela repetição dos gestos esportivos; e) potência, expressada nos chutes e passes; f) ritmo; g) agilidade, através das mudanças rápidas de direção na quadra de jogo; h) tempo de reação, que obriga o jogador a ter respostas motrizes de ações rápidas, decidindo em décimos de segundos; i) velocidade, o que é observado principalmente nos contra-ataques; j) flexibilidade, devido às inúmeras contrações musculares executadas durante o jogo (BELLO JR., 1998).

Quanto ao desenvolvimento técnico-tático, a tática significa “o que fazer”, ou o motivo de agir em determinada situação-problema ocorrida no jogo, enquanto que a técnica reporta-se ao “como fazer” ou meio de agir para solução tal problema (GARGANTA, 2002; FILGUEIRA & GRECO, 2008).

Na preparação técnica busca-se um aprimoramento dos fundamentos do jogo, tanto na técnica com bola (passes, dribles, recepção de bola, desarmes, chutes, defesas, lançamentos) como na técnica sem bola (sistema de marcação e fundamentos de ataque e defesa). Tanto a técnica com bola como a técnica sem bola compreendem características comuns: combinações motoras e de movimentos, execução motora sob a pressão direta e indireta do adversário e diferenças entre as velocidades de execução possíveis (MENEZES, 1998).

A técnica é todo o gesto ou movimento que permite a continuidade e o desenvolvimento do jogo, tendo como base os fundamentos do jogo. Obedece a princípios de ordem científica com base na análise do movimento, na sua mecânica e na ação de alguns grupamentos musculares, principalmente nos membros inferiores (VOSER, 1996). A técnica individual é o conhecimento e o domínio do gesto individual de cada aluno, que quanto mais for trabalhado, maiores as condições de desenvolvimento técnico e tático da equipe (APOLO, 1995), sendo que a técnica está dentro da ação do jogo, indissolúvel à tática e estratégia do jogo (MOLINUEVO, 1997). A técnica é desenvolvida através das interações da aprendizagem motora com o componente físico-motor e os gestos específicos do esporte, que compreende desde os fundamentos básicos de controle de bola até os movimentos mais complexos de tomada de decisão, controle e execução (CARRAVETTA, 2006).

O driblar, passar e o controlar a bola são os principais elementos técnicos do futsal (TEUNISSEN, 1995), para que se possa chegar até o intento de marcação de gols. Além destes, o chute e o domínio ou recepção de bola são fundamentais para que o atleta consiga ter um bom rendimento (CID, 1995; TEIXEIRA JR., 1996; VOSER, 1996; BELLO JR, 1998).

O passe é o ato de entregar a bola para um companheiro ou lançar no espaço vazio da quadra (VOSER, 1996), e requer velocidade de execução, deslocamento da bola e precisão para que chegue até o ponto desejado (TEUNISSEN, 1995). As formas de execução mais utilizadas no futsal são: com o lado interno, lado externo e sola do pé, com o calcanhar e com a cabeça, sendo que

o passe mais utilizado é com o lado interno do pé. Quanto a trajetória, o passe pode ser rasteiro, a meia altura e parabólica (APOLO, 1995; TEIXEIRA JR., 1996). Os passes podem ser simples ou complexos, com os simples executados com a ponta, dorso, sola, parte interna ou externa do pé e calcanhar de forma posicional; enquanto que os complexos são os executados com deslocamentos, em giro, para frente ou para trás, alto ou baixo, utilizando o peito, cabeça, coxa ou os pés (BELLO JR., 1998). Em relação à distância percorrida pela bola, podem ser classificados em curtos, médios e longos, sendo os curtos com distância inferior a 4 metros, os médios entre 4 e 10 metros e os longos com distância superior a 10 metros; em relação ao espaço de jogo, os passes são classificados em lateral, diagonal e paralelo, sendo os laterais realizados de um lado a outro da quadra defensiva ou ofensiva paralelo à linha de fundo; os diagonais feitos cruzando a quadra, da lateral de uma quadra defensiva a outra lateral da quadra ofensiva, ou vice-versa (APOLO, 1995).

Para que o passe seja efetivado, devem ser observados os aspectos: a) equilíbrio para a execução do movimento; b) cabeça erguida (não olhar para a bola, mas para onde for passar); c) pé de apoio próximo à bola; d) precisão do toque; e) intenção e objetivo ao tocar a bola; f) tocar a bola para que a mesma percorra a distância desejada; g) braços ligeiramente afastados (APOLO, 1995).

A recepção e o domínio de bola é a ação de receber a bola e deixá-la sob seu controle (VOSER, 1996), o que permite estar em condição de fazer um passe, conduzir a bola ou finalizar (APOLO, 1995). Quanto à trajetória percorrida pela bola e a execução, a recepção classifica-se em rasteira, meia-altura, parabólica e alta. A recepção rasteira é a que o jogador intercepta a bola que percorre seu trajeto em constante contato com o solo, sendo realizado com a face interna, externa ou sola dos pés; a recepção a meia-altura é a que o jogador intercepta a bola, que percorre seu trajeto pelo ar, paralelamente ao solo, em altura inferior à altura da cintura, sendo realizada com a face interna e externa dos pés e coxas; a recepção parabólica é a que o jogador intercepta a bola, que percorre seu trajeto pelo ar em forma de arco (parabólico), sendo realizado com a cabeça, peito, coxa, dorso e sola dos pés; a recepção alta é a que o jogador intercepta a bola, que percorre seu trajeto de forma ascendente à altura da cabeça ou peito (APOLO, 1995).

A condução de bola é a ação de andar ou correr com a posse de bola pelos espaços possíveis de jogo (APOLO, 1995; VOSER, 1996). Classifica-se: a) quanto à

velocidade em lenta – quando o jogador conduz a bola andando ou trotando, e rápida – quando o jogador conduz a bola imprimido velocidade; b) quanto à trajetória em retilínea – quando o jogador segue uma trajetória reta conduzindo a bola, realizando-a com a face interna, externa ou sola do pé, e sinuosa – quando o jogador conduz a bola, ora na reta, ora carregando a bola em ziguezague¹, realizando-a mais usualmente combinando a face externa e a sola do pé.

O drible é um fundamento muito trabalhado no futsal, é a ação de ultrapassar o adversário conduzindo a bola (VOSER, 1996), em função de que o jogo acontece em um espaço reduzido, geralmente estão 6 a 8 jogadores em meia quadra 20m x 20m (TEUNISSEN, 1995). Pode ser simples – puxadinhas e saídas laterais, com a sola dos pés em deslocamento ou parado, com a parte interna ou externa dos pés em deslocamentos; ou complexas – a) com o corpo: passar por cima da bola sem tocá-la, deixar a bola passar por baixo das pernas, usar qualquer parte do corpo que não os pés; b) com os pés: dorso do pé para o chapéu², parte interna ou externa dos pés para meia-lua³ ou bolas por baixo das pernas do adversário (APOLO, 1995; BELLO JR., 1998). As fintas são ações exercidas sem a bola, com o propósito de enganar o adversário e os deslocamentos são as ações para se livrar da marcação (VOSER, 1996).

O chute é a impulsão dado à bola, com um dos pés, visando o gol adversário (VOSER, 1996), classificando-se quanto à execução em: simples – utilizando a ponta dos pés, o dorso, a parte interna e o calcanhar, e complexas – utilizando chutes em deslocamento, com dribles, com condução, voleio e semivoleio (BELLO JR., 1998). Quanto à trajetória classifica-se em: rasteiro – em que a bola fica permanentemente em contato com o chão; meia-altura – em que a bola percorre uma trajetória paralela ao chão a uma altura proporcional a cintura dos jogadores; alta – em que a bola percorra uma trajetória com altura superior a cintura dos jogadores (APOLO, 1995).

Os fatores que influenciam um chute perfeito são: a) a posição do pé de apoio, que sustenta o corpo enquanto o pé de toque age, é o pé de apoio que determina a trajetória da bola; b) a posição do pé de toque, que é o pé que

¹ Ziguezague é o movimento que se faz de forma sinuosa, carregando a bola com os pés para o lado de dentro ou de fora em relação ao seu corpo.

² Chapéu no futebol ou futsal consiste em tocar a bola por cima da cabeça do adversário, apanhando-a do outro lado de seu corpo.

³ Meia-lua no futebol ou futsal consiste em passar a bola por um lado do adversário, ultrapassá-lo pelo outro lado e pegar a bola.

efetivamente faz o movimento de chutar a bola; c) o equilíbrio do corpo, através da transferência do corpo para o pé de apoio; d) a força que se dá ao movimento, que está relacionada com o perfeito equilíbrio, pé de apoio e pé de toque (APOLO, 1995; TEIXEIRA JR., 1996).

O aprendizado deve-se dar do conhecido ao desconhecido, do fácil ao difícil, do simples ao complexo, da percepção geral à específica (GRECO, 2002), da mínima à máxima velocidade, sem obstáculos à máxima dificuldade (CID, 1995). O processo de ensino-aprendizagem-treinamento dos jogos esportivos coletivos deve acontecer da aprendizagem motora ao treinamento técnico; e do desenvolvimento da capacidade de jogo ao treinamento tático (GRECO, 2002).

A aplicação dos fundamentos do jogo é traduzida em forma de treinamentos e jogos. Nos jogos, requerem raciocínio rápido e poder de decisão e, nos treinamentos, devem-se buscar gestos comparativos com as ações aplicadas nos jogos (BELLO JR, 1998). Os esportes coletivos são atividades ricas em situações de imprevisibilidade, necessitando de adaptação dos jogadores para resolver determinadas situações. No decorrer do jogo, surgem tarefas motoras de grande complexidade, cuja resolução depende das experiências adquiridas anteriormente (CORREA & SILVA, 2004). No treinamento técnico, consideram-se os aspectos relativos à percepção e a tomada de decisão nas condições reais do jogo, a execução de movimentos com oponentes, em espaços reduzidos, em ritmo de jogo e com apropriadas escolhas de soluções (CARRAVETTA, 2006).

A preparação tática consiste em definir o melhor meio para vencer uma partida ou atingir o melhor resultado, ter certa improvisação, capacidade de observação e rapidez para encontrar a melhor solução em cada situação de jogo (MOLINUEVO, 1997). A condição tática depende diretamente do condicionamento físico, técnico e intelectual dos atletas. O aprimoramento tático é uma consequência direta do desenvolvimento técnico, onde a precisão dos movimentos só será alcançada após certo aprimoramento técnico. A tática a ser utilizada, sobretudo, deve adaptar-se às características dos atletas e ao sistema tático da equipe adversária (MENEZES, 1998; CARRAVETTA, 2006). A tática é uma forma organizada de aplicar um sistema e seus esquemas táticos, com o objetivo de combinar o jogo de ataque e defesa, conseguindo dominar o adversário e atingir a vitória (APOLO, 1995).

O jogo de defesa é caracterizado pelas ações que visam primeiro desarmar o adversário para depois atacar, sendo o desarme feito através da marcação (BELLO JR., 1998). A marcação é a ação de impedir que o adversário receba a bola ou que prossiga com a posse de bola (APOLO, 1995; VOSER, 1996). É um dos fundamentos mais importantes do jogo, a equipe que fizer uma boa marcação, dificilmente perderá o jogo (SANTOS FILHO, 1998).

Para que haja uma marcação eficiente, o marcador deve ter como referência: a) estar sempre entre a bola e o adversário; b) evitar entrar de primeira, pois facilita a ação do adversário; c) marcar olhando a bola e a movimentação de quadril e pernas do adversário; d) estar sempre equilibrado e com o centro de gravidade mais baixo, para facilitar os deslocamentos e mudanças de direção; e) ter noção de cobertura; f) nunca perder a linha da bola, devendo estar atrás ou na mesma linha; g) procurar deslocar o adversário para a linha lateral, para que tenha menor ângulo para o chute (SANTOS FILHO, 1998). Um bom equilíbrio defensivo sempre reflete em um bom resultado no jogo (MOLINUEVO, 1997).

O jogo de ataque parte de um estabelecimento de critérios que criam movimentações a partir de um sistema ou padrão de jogo (BELLO JR., 1998). O sistema de jogo é a esquematização adotada através do posicionamento e da movimentação que os atletas assumem dentro da quadra, com o objetivo de chegar ao gol adversário (SANTOS FILHO, 1998). O padrão de jogo é uma movimentação repetitiva que a equipe executa dentro de cada sistema quando de posse de bola e visa estabelecer um estágio de equilíbrio na partida e aplicação de futuras jogadas ensaiadas (BELLO JR., 1998).

A preparação tática vem evoluindo consideravelmente ao longo dos anos, em virtude das mudanças constantes de regras e do aperfeiçoamento dos sistemas e padrões de jogo. O treinamento realizado deve possibilitar aos atletas uma capacidade de tomada de decisão a cada situação real de jogo, aos quais são importantes os seguintes aspectos: a) experiência do jogador; b) atitude dos integrantes da equipe; c) nível de desenvolvimento técnico-tático; d) estratégias estabelecidas; e) estágio de organização e sincronia da equipe; f) potencial individual de cada atleta para escolher a melhor os gestos motores ideais; g) elevado potencial intelectual (CARRAVETTA, 2006).

Quando da iniciação ao futebol, geralmente por volta dos 9 anos, a criança tem dificuldades de entender o que é solicitado através de jogadas ou ações táticas

complexas, assim como perceber que decisão deve ser tomada com melhor precisão para as muitas situações de jogo ao mesmo tempo (FILGUEIRA & GRECO, 2008).

A observação do jogo é um importante instrumento no estudo do desempenho motor desportivo, com a avaliação dos fundamentos técnico-táticos envolvidos no jogo através da estatística. Instrumentos de análise de jogos e treinamentos são adaptados para os diferentes esportes, com o intuito de avaliar o desempenho dos atletas e auxiliar técnicos na verificação de deficiências da sua equipe ou de seus adversários.

O *Game Performance Assessment Instrument* (GPAI), desenvolvido e validado por Oslin et al. (1998) é um sistema multidimensional que serve para medir os componentes do desempenho no jogo, com a análise dos componentes individuais do desempenho no jogo com bola (tomada de decisão e execução dos fundamentos) e sem bola (ações de apoio). Assim, o GPAI torna-se uma ferramenta abrangente para análise, pois permite uma análise qualitativa dos comportamentos na situação de jogo, além da análise quantitativa das estatísticas dos fundamentos do jogo, que ocorre em outros instrumentos.

2.3 Treinamento na infância e adolescência

O processo de treinamento ou prática de atividades físicas com crianças visa uma melhor qualidade de saúde (HALLAL et al., 2004), desenvolvimento das qualidades físicas e formação de hábitos motores, necessidades do dia a dia e atividades laborais, além de assimilação dos conhecimentos esportivos. (FILIN, 1996). Os benefícios do esporte para crianças dividem-se em: a) físicos – aumento da habilidade, aptidão física e saúde; b) psicológicos – desenvolvimento de aspectos de liderança, respeito pelas normas, auto-confiança, auto-estima e cooperação; c) sociais – conhecimento de novos amigos, relacionamentos entre os jogadores e fortalecimento dos laços familiares (BECKER JR., 2000). O professor deve oportunizar uma variedade de experiências motoras, assim como o contato com vários objetos em diferentes espaços, para que haja a conscientização do próprio esquema corporal (VOSER, 1996), além de treinamentos em baixa intensidade, estimulando o gesto técnico e participação em jogos ou competições sem grandes importâncias (APOLO, 1995).

A formação de um futebolista depende das qualidades psicomotoras e coordenativas adquiridas na infância e adolescência. As crianças que convivem em espaços abertos com atividades de corrida, saltos e jogos apresentam mais disposição para a prática do futebol do que as crianças que convivem em espaços fechados, com a participação em atividades de pouca expressão motora ou jogos eletrônicos. Portanto, é importante o desenvolvimento integral das bases psicomotoras e coordenativas dos jogadores de futebol, com a idade de 7 a 11 anos sendo a idade ideal para o ingresso nas escolinhas de futebol, o desenvolvimento destas estruturas e o treinamento da capacidade de diferenciação, ritmo, reação ótico-acústica, aprendizagem motora e capacidade cognitiva (CARRAVETTA, 2006).

De acordo com as características do desenvolvimento motor, afetivo, social, cognitivo e moral das crianças, a iniciação esportiva deve acontecer ao final da segunda infância, entre 10 e 12 anos (TANI, 2002). A criança com idade entre 4 e 12 anos tem um mundo próprio, possuindo comportamentos diferenciados de acordo com seu crescimento. O desenvolvimento dos aspectos físicos, técnicos e táticos acontece nesta fase, porém respeitando-se as capacidades da criança em absorver tais ensinamentos. Quanto maior o número de experiências motoras vividas, maiores serão as respostas quando o acervo motor estiver totalmente formado por volta dos 12 anos (APOLO, 1995). Nestas idades, a criança não está preparada psicologicamente para enfrentar competições e ser cobrada em demasia pela vitória por parte de pais, técnicos e torcedores (GOMES, 2000). Não deve haver especialização e a preparação deve ser generalizada (FILIN 1996).

O modelo de esporte para crianças não é o que busca o êxito pelo êxito, nem futuro e nem imediato, mas sim o que seja adaptado às características, necessidades e possibilidades de cada praticante, prevalecendo o objetivo de contribuir na formação da pessoa por meio da atividade esportiva. As bases para o rendimento futuro são estabelecidas nas primeiras etapas do aprendizado esportivo (VARGAS NETO, 1999). Na maioria das vezes, o que acontece é uma exposição da criança às situações complexas muito antes de atingir estágios básicos do desenvolvimento motor, sem ter a capacidade de cumprir as tarefas exigidas (DE ROSE JR., 2002).

A preparação realizada por adultos é incompatível com a preparação realizada na infância e adolescência (MARQUES, 1991), diferenciando-se nos objetivos propostos e nas atividades desenvolvidas. A teoria e a metodologia do

desporto devem estar de acordo com as características de cada faixa etária de crianças e adolescentes. O treinamento para crianças não deve ser orientado na busca de altos resultados nas primeiras etapas do processo, principalmente por gerar uma sobrecarga no organismo e pela pressão psicológica exercida na criança, o que não contribui para seu desenvolvimento posterior (FILIN, 1996).

O treinamento deve estar de acordo com a faixa etária, experiência dos alunos e nível de desenvolvimento motor e cognitivo. Para tanto, professores e técnicos devem possibilitar, durante a infância e adolescência, que os atletas aprendam a tomar decisões rápidas e corretas – tomada de decisão e conhecimento processual (FILGUEIRA & GRECO, 2008).

Toda a atividade em forma de recreação é mais atrativa para a criança, sendo importantes: o lúdico e o brincar. A infância é a melhor fase para a aprendizagem motora, onde devem ser realizadas as ações técnicas, dentro das etapas de desenvolvimento da criança (VOSER, 1996). O movimento humano na infância constitui a base para a evolução psicomotora, em que a aprendizagem se dá através da integração entre pensamento e ação, com atividades lúdicas que despertem a criatividade, o pensar e o agir por si próprio (VOSER, 1999). A motricidade espontânea acontece por meio de pequenos jogos, com participação livre, com variação de exercícios com movimentos diversos e sem cobrança de regras complicadas, permitindo um desenvolvimento motor que envolva o comportamento e as experiências vividas no meio ambiente (BELLO JR., 1998; CARRAVETTA, 2006). Cada etapa do desenvolvimento da criança tem suas características, quanto à duração, intensidade e dificuldade, devendo-se ensinar os conteúdos e métodos de acordo com suas etapas evolutivas (CID, 1995).

O futsal divide-se em recreativo, educativo e competitivo, de acordo com suas aplicações práticas e formações básicas, pelas diferentes etapas da vida esportiva. O futsal recreativo ou etapa de preparação básica é o início da prática desportiva, buscando a adaptação à modalidade esportiva, fazendo com que a criança adquira o gosto pelo esporte e o pratique na forma de lazer (FILIN, 1996; BELLO JR., 1998). A fase de iniciação da criança no esporte deve ser rica em experiências motoras ao invés de estimular a aprendizagem e especialização da técnica desportiva. A formação do futuro atleta de sucesso depende da rica base motora durante a infância. A iniciação ao treinamento desportivo em escolinhas de futsal ou através de experiências motoras no dia a dia deve visar o desenvolvimento

das habilidades motoras (SAMULSKI, 1999). No futsal educativo deve-se fazer a iniciação dos movimentos básicos e fundamentos da modalidade, com um aprofundamento específico e um aperfeiçoamento esportivo, aumento do volume geral de preparação e atuação em competições, melhora na função motora e aperfeiçoamento das qualidades físicas, técnicas e táticas dos atletas (FILIN, 1996). No futsal competitivo proporciona-se um treinamento físico, técnico, tático e psicológico que vise a formação de atletas com alto desempenho esportivo (BELLO JR., 1998).

A iniciação esportiva compreende desde a chegada a uma escolinha até a prática esportiva de forma competitiva, implicando um aprendizado e treinamento especializado, aperfeiçoando os aspectos orgânicos, funcionais, técnicos e táticos necessários ao desenvolvimento no esporte. O treinamento esportivo precoce é o que ocorre com os que treinam 3 vezes semanais, com o objetivo de aumentar seu desempenho, além de participação efetiva em competições (VARGAS NETO, 1999).

O esporte, quando ensinado para crianças, deve ter uma dimensão educacional, que proporcione prazer, evolução da consciência, introdução de uma cultura de lazer, construção da cidadania e valorização da auto-estima. As escolinhas devem criar um clima cooperativo, trazendo coisas relevantes da rua como os jogos, a verbalização, o clima lúdico e de criatividade, prever conteúdos diversificados e socializar conhecimentos (SANTANA, 2004). Como todo esporte, quanto mais cedo começar, melhor será para o desenvolvimento das qualidades físicas, psíquicas e motoras, respeitando-se as atividades adequadas à faixa etária e que a criança, no início, terá movimentos descoordenados e sem precisão (APOLO, 1995).

Os fundamentos técnicos (passe, chute, condução de bola, marcação, recepção de bola, drible) podem ser desenvolvidos para as crianças através de atividades recreativas. Estas atividades podem ser desenvolvidas em qualquer faixa etária, adequando-se de acordo com o nível do grupo. Aumenta o aprendizado, a motivação e a participação da criança e auxilia nos processos de socialização, desinibição e integração do grupo (VOSER, 1996).

A aplicação do acervo motor⁴ no futsal é muito importante, pois o atleta em qualquer faixa etária necessita de raciocínio rápido e inteiro controle de suas decisões (BELLO JR., 1998). As crianças que se destacam nas escolinhas esportivas são as que possuem um maior acervo motor, com a realização de movimentos naturais por terem adquirido um conhecimento maior de seu corpo, através de experimentação de atividades em idades anteriores (FRANCKE, 2009).

O aprendizado de uma habilidade esportiva mais complexa em um adulto é mais simplificado se as experiências vividas na infância forem ricas, com uma grande variedade de habilidades motoras (GRECO, 2002). Na preparação com crianças e adolescentes, o peso específico do ensino é mais significativo que a preparação de adultos, pela necessidade de assimilação antecipada das técnicas do desporto e a presença de atividades agradáveis para os atletas, para a formação de hábitos motores. O objetivo principal é o aprendizado da técnica desportiva com a assimilação de exercícios competitivos e seu aperfeiçoamento. É importante a adaptação dos sistemas de preparação, a individualidade biológica do atleta e as particularidades da idade, porém o alcance de altos resultados em idade infantil ou juvenil não garante que o atleta atingirá grandes resultados no futuro. O trabalho a ser desenvolvido deve ser a longo prazo, adequando-se o tipo de treinamento à idade do atleta (FILIN, 1996).

Em uma pesquisa com os atletas participantes da Liga Nacional de Futsal em 2003, que foram convocados pela Seleção Brasileira de Futsal, 62,97% dos atletas iniciaram no esporte após os 10 anos de idade e 66,7% começaram a competir a partir dos 10 anos, sendo que mais da metade dos jogadores somente começou a competir após os 13 anos (SANTANA et al., 2005), o que demonstra que atingir o sucesso na categoria adulta não está relacionado com a participação com sucesso em competições nas categorias menores.

Com o avanço dos esportes coletivos, exige-se, para a formação de jogadores, uma metodologia que permita o desenvolvimento harmônico das ações técnicas e táticas de forma contextualizada, ao invés do treinamento de fundamentos isoladamente, que não contemplem as situações reais de jogo. Isto

⁴ Acervo motor depende de uma variação de movimentos que envolvem espaço (direção, níveis, planos, extensões), tempo (lento, rápido), objetos (cordas, bolas), capacidades físicas (força, velocidade, resistência), núcleo do movimento (articulações) e movimentos com outros (em duplas, trios).

permite uma maior aproximação com a idéia do jogo, desenvolvendo capacidades cognitivas de percepção, antecipação e tomada de decisão, com o estabelecimento da melhor solução para cada situação. A capacidade de jogo compreende as ações técnicas e táticas empregadas durante o jogo, para solucionar as situações existentes no jogo, sendo que as ações técnicas da criança dependem da capacidade motora – ritmo, coordenação e equilíbrio, e as ações táticas dependem da capacidade cognitiva – percepção, antecipação e tomada de decisão (SAAD, 2006).

O treinamento utilizando o método analítico-sintético, em que há o ensino das partes de um jogo individualizadas não capacita as crianças a resolver os problemas que se apresentam no jogo. O ensino através de um método global-funcional em que há uma interação da criatividade, imaginação e pensamento tático dos jogadores através da adaptação do jogo em pequenas partes, sendo que uma aula baseada em jogos é importante para a criança pois: a) atende o desejo de jogar da criança; b) motiva a criança a aprender; c) desenvolve a inteligência tática; d) favorece as trocas sociais; e) facilita o desenvolvimento moral; f) não exclui a técnica (PINTO & SANTANA, 2006)

A utilização de modificações estruturais no jogo, como a redução do número de jogadores e do espaço, a simplificação das regras, a diminuição das traves, assim como a experimentação e o vivenciar da criança nas diferentes posições, possibilitam uma maior adaptação ao jogo e um melhor desenvolvimento (GARGANTA, 2002; FILGUEIRA & GRECO, 2008).

Com o desenvolvimento e a divulgação do futsal, a tendência é que as fases de iniciação e especialização sejam feitas cada vez mais precocemente. Há a superestimulação de pais em competições, buscando o desenvolvimento e resultados na criança e auto-satisfação nos pais, o que contraria o desenvolvimento motor da criança (SAMULSKI, 1999). Iniciar cedo a preparação desportiva não significa uma especialização precoce, pois o esporte pode ser desenvolvido como um processo permanente, com objetivos definidos para cada fase do processo. A especialização precoce é caracterizada pela orientação unilateral de forma prematura, com o incremento de cargas e treinamento mais forte com intuito de obter resultados imediatos (MARQUES, 1991).

As equipes são formadas através de um processo de seleção e eliminação, com o aproveitamento dos melhores jogadores, de acordo com a avaliação de

técnicos e profissionais do esporte, excluindo os menos habilitados para a prática esportiva competitiva (CARRAVETTA, 2006). O atual sistema esportivo infantil é basicamente competitivo, reproduz o sistema adotado pelos adultos, valoriza a busca por sucesso e vitórias (medalhas) a qualquer preço, estimula os pais a pressionarem os filhos para conseguir vitórias e títulos não conseguidos por eles. Isto motiva as federações, clubes e treinadores a iniciar um processo voltado ao rendimento esportivo cada vez mais cedo, mas que não atende às necessidades e interesses reais das crianças (VARGAS NETO, 1999). O panorama atual de esporte infantil possui os seguintes aspectos: a) modelo de referência para o treinamento orientado de acordo com o modelo dos adultos; b) a vitória é a principal referência de sucesso para pais, dirigentes, torcedores e treinadores; c) os interesses e as motivações dos adultos se sobrepõem aos das crianças, prejudicando sua auto-estima; d) valoriza-se o sucesso da ação, ficando o crescimento e o desenvolvimento da criança em segundo plano; e) não há diferença entre o comportamento e as atitudes nas competições de adultos e nas competições de categorias menores (BARBANTI, 2005).

A existência de campeonatos nas categorias menores faz com que o período de especialização comece muito cedo, com a realização de competições a partir da categoria iniciação, com 7 anos. A pressão que os pais exercem na criança, seja por tentar satisfazer seus próprios desejos de infância ou de projetar em seu filho um futuro promissor dentro do esporte pode interferir no desenvolvimento motor e emocional do atleta. A participação em campeonatos oficiais de grande importância (para os adultos) e a necessidade permanente de vitória interfere no desenvolvimento psicológico da criança, fazendo com que a criança abandone o esporte na adolescência por “saturação”, quando na realidade deveria estar começando a competir.

Estudos com campeões nas categorias inferiores paranaenses indicam, nos momentos de transição entre a iniciação e a especialização da carreira esportiva, um alto índice de abandono, ligados a fatores internos - desmotivação ou mudanças fisiológicas ou psicológicas e externos – influência de agentes externos ou excesso de cargas de treinamento (MIZOGUCHI et al., 2008).

O medo de errar, de não ser capaz de realizar a atividade, de perder o jogo são fatores que propiciam o estresse de competição nas crianças, iniciando nos treinamentos e sendo mais evidente nas competições, principalmente pela

expectativa criada por seus pais, amigos, treinador quanto ao seu desempenho. Este medo de errar vai aumentando com o decorrer da idade, alcançando seu ponto alto por volta dos 12 anos, quando o abandono da prática esportiva começa a ser mais frequente (MACHADO et al., 2010). A importância dada pela criança à prática esportiva, seja influenciada por agentes externos ou não, está diretamente relacionada às situações causadoras do estresse, independente do nível competitivo a que está exposta (RÉ, DE ROSE JR.; BOHME, 2004).

Embora, em um curto prazo, a especialização em um determinado esporte na criança se traduza em resultados positivos, também é notório que: a) os jovens submetidos a um processo de especialização precoce, não atingem o rendimento esperado nas etapas posteriores; b) o tempo de atividade esportiva de alto nível é mais reduzido; c) muitos atletas não atingem a etapa de elevados rendimentos esportivos por esgotarem prematuramente a sua capacidade, abandonando o treino e a carreira esportiva mais cedo (MARQUES, 1991). Os danos de uma especialização precoce são maiores que os benefícios, pois há uma carência de talentos esportivos que poderiam ter sido melhores trabalhados se fossem desenvolvidos longe de um contexto imediatista (LEITE, 2007).

A prática esportiva e competitiva infantil depende de uma infinidade de fatores como a formação e atuação do treinador/professor, os meios e objetivos propostos, a faixa etária das crianças, o tipo de competição, a participação dos familiares neste processo.

2.4 Ambiente esportivo

O ambiente influencia em muito o comportamento e o desenvolvimento dos indivíduos nas situações em que está inserido (BRONFENBRENNER, 1996). A interação de todas as restrições, tanto dentro do corpo (mudanças cardiovasculares, musculares) como fora (ecossistema, cultural e social), é considerada na perspectiva ecológica, que enfatiza a interrelação entre indivíduo, tarefa e ambiente, para o desenvolvimento de uma determinada habilidade (HAYWOOD; GETCHELL, 2010).

A prática esportiva oferecida às crianças e adolescentes é idealizada e permeada por adultos – pais, dirigentes, torcedores, técnicos – que ditam as normas a serem cumpridas e interferem no seu desenvolvimento (KORZAKAS, 2002). Porém, o trabalho desenvolvido com crianças e adolescentes, não deve apenas

reproduzir o ambiente esportivo adulto de alto rendimento, mas sim aproximar o contexto das necessidades e direitos das crianças, com um compromisso com seu desenvolvimento integral (VILANI; SAMULSKI, 2002).

O atleta competitivo de alto nível tem uma pressão muito grande no ambiente quanto à execução de determinado lance, sendo que esta pressão pode interferir no seu desenvolvimento, levando-o ao sucesso ou fracasso. O impacto desta influência nas crianças ou adolescentes competitivos é muito maior do que em adultos (BECKER JR.; SAMULSKI, 1998). A criança que está no processo de aprendizagem inicial não tem a capacidade psicológica de suportar a pressão da competição, de torcida e a cobrança de pais e treinadores por um melhor desempenho (GOMES, 2000). Os papéis desempenhados pelos pais, técnicos, torcedores e familiares são fundamentais para o incentivo ou desestímulo da criança na prática esportiva (HAYWOOD; GETCHELL, 2010).

O processo de socialização que conduz à aprendizagem, ao desenvolvimento motor e a posterior participação em atividades físicas, possuem três elementos básicos: pessoas significativas – pessoas influentes ou importantes, chamadas agentes socializantes (pais, irmãos, técnicos, professores); situações sociais – lugares onde a socialização ocorre (escolas, lares, clubes); restrições do indivíduo – atributos pessoais ou a capacidade esportiva percebida (HAYWOOD; GETCHELL, 2010). A primeira experiência da criança no esporte pode ser positiva ou negativa, de acordo com a atuação do adulto que o inicia na prática esportiva, quando a primeira experiência é agradável, a criança vincula-se à modalidade por toda a vida (MACHADO et al., 2010).

Os pais, dirigentes, professores ou técnicos esportivos tem uma maior preocupação com seus desejos e satisfação em ver as crianças alcançarem o sucesso, serem titulares, serem campeões ou jogar melhor que os outros, do que propriamente no aprendizado de acordo com sua faixa etária. Este direcionamento nos resultados e não no próprio desenvolvimento e satisfação da criança, é que causa inúmeros conflitos (FILGUEIRA; SCHWARTZ, 2007).

O treinador de categorias menores ocupa um papel central no ambiente esportivo, tem uma grande responsabilidade sobre o desenvolvimento das crianças, por orientar e formar o caráter dos jovens durante um período fundamental de suas vidas (FILIN, 1996; BECKER JR., 2000), torna-se uma referência, e suas atitudes e comportamentos serão marcantes positiva ou negativamente no desenvolvimento

esportivo das crianças (FRANCKE, 2009; HAYWOOD; GETCHELL, 2010). Os processos interativos com os atletas acontecem por assimilação, adequação e fusão, com a busca permanente dos objetivos, que devem ser estabelecidos nas primeiras sessões de treinamento (CARRAVETTA, 2006).

Um bom treinador é um facilitador de experiências positivas na vida esportiva de crianças e jovens, enquanto que um treinador ruim pode afastar a criança do esporte. Quatro pontos são fundamentais para aumentar o prazer e os benefícios da prática esportiva para crianças: a) vencer não é tudo nem o único objetivo; b) falhar não é o mesmo que perder; c) sucesso não é sinônimo de vencer; d) o sucesso está relacionado ao esforço (SMOLL; SMITH, 2001).

Determinadas ações do treinador podem ocasionar estresse no praticante de esporte infantil: a) não dar atenção quando a criança necessita de ajuda; b) não permitir que a criança integre a equipe no treinamento ou competição; c) não reconhecer o esforço da criança; d) mostrar que não valoriza as crianças menos habilidosas (BECKER JR.; TELÖKEN, 2000).

A influência dos pais é um dos fatores mais importantes para a participação das crianças na prática esportiva, basicamente através da mensagem fornecida quanto à atitude e conduta dos filhos nesta prática (ROBERTS & TREASURE, 1995; VILANI e SAMULSKI, 2002; WEINBERG e GOULD, 2008). Quando a criança está iniciando no esporte, a influência dos pais é significativa (PORTELA, 2003), principalmente no que se refere à adaptação e o desenvolvimento nas categorias iniciais (CARRAVETTA, 2006). A reação da família e amigos aos primeiros fracassos produz maior ou menor confiança e auto-estima para a criança, o que pode influenciar futuramente na sua conduta em equipes competitivas (BECKER JR.; TELÖKEN, 2000).

A família é responsável pelo encorajamento e comprometimento com a prática esportiva (SIMÕES et al, 1999; GALLAHUE e OZMUN, 2003), pela aquisição de valores, por fomentar o divertimento e pelo suporte necessário a carreira esportiva dos atletas, é na família que a criança desenvolve sua auto-estima, identidade e motivação. Mas a interferência da família pode ser negativa, com a alta exigência e cobrança dos pais, ou um ambiente desorganizado na família que cause relações interpessoais inadequadas (HELLSTEDT, 1995; SMOLL, 2001, CARRAVETTA, 2006; HAYWOOD e GETCHELL, 2010).

A criação de um ambiente mais tranquilo, que preserve o espírito esportivo, social e cooperativo, faz com que a criança desenvolva seu talento esportivo de acordo com suas possibilidades em cada etapa, visando à formação para a categoria adulta, sem a necessidade ou a pressão de ter resultados expressivos em idades menores (BELLO JR., 1998). O ambiente, a organização, o planejamento, os procedimentos adotados, a coerência das ações e as exigências do processo de treinamento são importantes para a formação de atletas vencedores (CARRAVETTA, 2006).

Embora o futsal e o futebol estejam enraizados na cultura brasileira, são importantes algumas recomendações feitas pela Federação Europeia de Sociedade de Psicologia do Esporte – Fepsac, em 1996, quanto ao esporte infantil: a) o esporte infantil deve ser organizado com o objetivo de aumentar o bem estar das crianças; b) as pessoas envolvidas no esporte infantil devem entender que a criança não é um adulto em miniatura; c) a sub-cultura do esporte infantil deve ser criada com suas próprias regras e sistemas para competição; d) devem ser oferecidas oportunidades para que a criança pratique vários esportes, evitando a especialização precoce; e) um clima de equilíbrio emocional deve ser criado para o esporte infantil, enfatizando a alegria, a aprendizagem, o desenvolvimento de novas habilidades, de cooperação e de autonomia; f) os adultos devem ter uma atitude de aceitação quanto a criança, e quando conveniente, promover a independência e colaboração em momentos de decisão; g) os treinadores devem ter um contato regular com os pais da criança, principalmente com os atletas competitivos; h) os adultos envolvidos com o esporte, devem receber ensinamentos sobre as necessidades das crianças e o desenvolvimento no esporte; i) os adultos devem aprender a conhecer sintomas de problemas, como a ansiedade ou problemas alimentares, e buscar assistência especializada quando necessário (BECKER & TELÖKEN, 2000).

O sucesso na carreira esportiva de jogadores de futsal não está ligada aos resultados expressivos nas categorias menores, mas sim a um conjunto de fatores: a) dedicação e empenho em todas as fases; b) participação em clubes com boas estruturas nas categorias menores, com uma preparação adequada; c) tipo de treinamento recreativo na fase de iniciação, ênfase nos fundamentos técnicos na fase de especialização inicial (categorias iniciação, pré-mirim e mirim) e ênfase nos fundamentos técnicos e táticos na fase de especialização (categorias infantil, infanto-juvenil e juvenil); d) participação em clubes que não cobravam resultados nas

fases de iniciação e especialização inicial; e) orientação de bons treinadores em todas as fases de desenvolvimento, quanto a preparação técnico-tática e psicológica para o enfrentamento de dificuldades na carreira esportiva; f) alto nível disciplinar; g) alto nível educacional, com uma boa relação esporte-estudo; h) baixo índice de lesões no decorrer da carreira esportiva; i) apoio constante da família em todas as fases do desenvolvimento (PEREIRA & DAVID, 2003).

2.5 Competição nas categorias menores

A competição para crianças pode ser um instrumento formador, se for trabalhado corretamente, ou um agente de exclusão em uma preparação esportiva inadequada (FRANCKE, 2009). Para que as crianças tenham uma vida esportiva prolongada, são necessárias experiências motoras e de iniciação esportiva positivas, que proporcionem satisfação, divertimento e prazer. Se forem exigidas das crianças, ações para as quais não estejam preparadas, por não terem adquirido um acervo motor ou uma habilidade desejada, a participação na prática esportiva ou competições que não respeite a idade evolutiva das crianças, é prejudicial, causando frustração, perda de tempo e prejuízo à saúde, em função da pressão e cobrança de resultados inadequados à faixa etária (SAAD, 2006). O estresse da competição é o resultado do desequilíbrio da percepção da criança quanto ao seu nível de aptidão e as exigências do meio ambiente, que tem origem no técnico ou na família (BECKER JR. & TELÖKEN, 2000).

A relação entre treino e competição do desporto em categorias menores deve ser orientada do treino para a competição com uma relação de continuidade e complemento dos objetivos de formação, o que não é prejudicial para a educação da criança (GAYA et al., 2004), porém nas categorias menores competitivas, os treinadores priorizam o trabalho em cima dos resultados positivos na própria competição, e jamais aceitam a derrota como parte de um processo educacional e construtivo (BELLO JR., 1998). O ambiente em que a criança está inserida determina sua capacidade de absorver as vitórias e derrotas em competições, sendo que se uma criança usa o máximo de suas forças, deveria ser considerada vencedora, independentemente do resultado obtido. Não pode ser perdedora a criança que lutou sempre pela vitória, com sentimento de culpa e redução de auto-estima em caso de resultados negativos (BECKER JR., 2000).

O esporte de competição infantil tem as mesmas características do esporte adulto de alto rendimento, envolvendo habilidades, valores, conhecimentos e disposições com o intuito de ser reconhecido no esporte, em que a “criança atleta” necessita de motivações e tem uma forte cobrança de resultados, tal como na competição adulta (SIMÕES et al., 1999). A repetição do modelo de esporte do adulto para as categorias menores gera problemas futuros, principalmente pela necessidade de vitória e valorização da competição em detrimento da formação esportiva de crianças e jovens, porém, ao contrário dos atletas infantis, os adultos possuem uma preparação psicológica mais avançada para suportar os resultados e a pressão da competição (SCALON, 2004). O que resulta de um modelo de treinamento inadequado nas categorias menores é a deficiência técnica encontrada hoje nos jogadores adultos, por não estimular as capacidades no momento ideal (FRANCKE, 2009). Os treinadores devem minimizar a pressão por resultados nas fases iniciais e intermediárias de aprendizagem, para impedir que a pressão pelos resultados seja um fator de desequilíbrio do atleta no seu desenvolvimento (SAMULSKI, 1999).

Nas idades de 4 a 12 anos, as crianças são extremamente competitivas, porém, conforme resultados de pesquisas, o estímulo à competição não é recomendado. Desaconselha-se competições importantes nestas idades pelos aspectos físicos e emocionais, sendo que os físicos são decorrentes de uma estimulação à competição e uma cobrança quanto à resistência e ao desempenho, além de danos causados pelo treinamento e por excessos físicos na fase de crescimento da criança, como problemas nas articulações ou osteoporose; quanto aos aspectos psicológicos, são decorrentes de que a criança fica presa a horários determinados para treinamentos e participação em competições de grande importância, o que faz com que perca a motivação para a prática esportiva quando chegar à adolescência, quando na realidade, deveria estar começando a competir (APOLO, 1995).

Muitas crianças iniciam a prática esportiva por volta de 6 ou 7 anos, e atingem o pico de participação aos 10 ou 11 anos, diminuindo a partir daí sua participação, seja por desinteresse ou pela ênfase na competição e vitória. As crianças de 6 ou 7 anos fazem esporte porque querem movimentar o corpo, sem ter a preocupação de derrotar seu adversário, sendo mais importante a oportunidade de brincar do que a de vencer, mas o que acontece no esporte infantil é a ênfase na

competição ao invés do divertimento, o que faz com que crianças menos habilidosas tenham menos atenção e apoio quanto ao esforço e progresso. Cada criança tem seu ritmo de desenvolvimento nas mudanças corporais e motoras, embora todas as crianças e adolescentes passem pela mesma sequência de desenvolvimento físico; algumas crianças caminham mais cedo que outras e alguns são hábeis jogadores de futebol aos 7 anos, enquanto que outros serão mais tarde, ou talvez nunca tenham esta habilidade desenvolvida. (BEE, 2003). Ao contrário dos pais e de alguns técnicos que valorizam a vitória nas partidas em primeiro plano, as metas das crianças na prática esportiva são a obtenção do desempenho esportivo e a aprovação social, que depende basicamente do grau de demonstração de seu esforço (WEIN, 2001).

Embora pesquisas apontem para uma iniciação em competições com idades a partir de 12 anos (APOLO, 1995; FILIN, 1996; GOMES, 2000; TANI, 2002), as crianças podem e devem participar de escolinhas em idades menores, desde que o trabalho seja desenvolvido adequado à idade. As atividades que proporcionam prazer pelo jogo, sem exigências de resultados, que visem à integração e o aumento das capacidades motoras não são prejudiciais na formação das crianças (FRANCKE, 2009). Porém, o aumento da importância dada à competição nas categorias menores prejudica a saúde psicológica da criança e diminui a alegria quanto à participação no esporte, há uma ênfase à competição em detrimento da cooperação, o que aumentam as condutas sociais inadequadas, como agressão e a busca pela vitória a qualquer custo (BECKER JR. & TELÖKEN, 2000).

A aproximação do treinador aos atletas, nas vitórias e derrotas, tem grande influência no desenvolvimento mental dos mais jovens, permitindo que os atletas tenham melhores condições de absorver os resultados, sendo que se aprende muito mais com as derrotas do que com as vitórias (GAYA et al., 2004). Frente a uma mesma realidade competitiva, é normal crianças reagirem de modo diferente, sendo algumas mais sensíveis a derrotas, enquanto outras aceitam com naturalidade, estas diferenças estão vinculadas ao desenvolvimento psicossocial de Erikson (BECKER JR. & TELÖKEN, 2000). A competição, por si só, cria mais perdedores que vencedores, o que significa que a competição desencoraja e ameaça os que não são eficientes ou os que não obtêm o desejado sucesso (DE ROSE JR., 2002).

A compreensão, interpretação e o conhecimento que os praticantes tem sobre a realização das atividades facilitam sua aprendizagem e evolução, com mais

possibilidades de identificar os seus resultados e alterar a forma de execução caso necessário. A atribuição dos maus resultados a fatores externos em crianças na prática esportiva, a princípio, preserva a autoestima, mas futuramente, haverá uma tendência a que o praticante não assuma suas responsabilidades em um insucesso e não ocorra a correção de atitudes e comportamentos (SERPA, 2003).

A ação de treinadores cobrando resultados e em muitas situações de jogo, motivando os atletas a atingir o melhor desempenho pode influenciar positiva ou negativamente no resultado. Em jogadores de futebol, há uma maior valorização do ganhar a qualquer custo em detrimento de outros valores éticos. O mais importante em um esporte competitivo e de excessivas cobranças e pressão por resultados por parte de técnicos e dirigentes é o vencer. O título de um campeonato nas categorias menores (iniciação, pré-mirim e mirim) é mais comemorado por pais e técnico que querem ser campeões através das crianças, não importando de que maneira isto é conseguido do que pelas próprias crianças que participaram ativamente dos jogos (MACHADO et al., 2010).

2.6 Aspectos motivacionais para a prática esportiva

O futsal é um esporte atraente pela participação ativa dos praticantes no jogo com a maior possibilidade de tocar na bola, a ocorrência de muitos gols, a facilidade de local para a prática, o número pequeno de atletas em relação ao futebol e por ser prazeroso aos praticantes. Durante as fases de desenvolvimento do atleta no futsal, há uma mudança no interesse pelo esporte, variando de acordo com a idade do atleta e com o nível de aspiração, à medida que o atleta atinge a adolescência e define se realmente quer continuar uma carreira esportiva, dependendo basicamente de sua motivação para a atividade competitiva.

A paixão pelo esporte, a motivação e o comprometimento são vitais no processo inicial e intermediário de aprendizagem. O respeito pela idade do atleta e a sua capacidade de absorver o treinamento também são fatores importantes para que o atleta demonstre interesse pelo esporte (SAMULSKI, 1999). O desenvolvimento de uma base de conhecimento sobre o esporte, aliado à experiência prática, facilita o desempenho na modalidade. Quanto mais conhecimento o atleta tem, mais adequada é a tomada de decisão em situações problema em um jogo, quanto à rapidez e precisão (HAYWOOD e GETCHELL,

2010), assim como os atletas com maior auto-eficácia são os que conseguem melhor desempenho técnico-tático nos jogos (ORTEGA et al., 2009).

A motivação é a intenção ou impulso que leva a pessoa a executar algo, é um dos elementos centrais para a execução bem-sucedida das atividades (PAIM, 2001a), além de ser um dos fatores mais importantes na busca de qualquer objetivo, servindo como elemento básico para que o praticante siga as orientações do treinador/professor na execução das tarefas (BECKER JR., 2000). A motivação é definida como a direção e a intensidade de um esforço, sendo a direção referente ao indivíduo buscar aproximar-se ou ser atraído a certas situações e a intensidade referente ao quanto se aplica em uma determinada situação (WEINBERG e GOULD, 2008). Os motivos direcionam as informações percebidas ao comportamento, estimulando o processo de aprendizagem (TRESCA e DE ROSE JR., 2000).

A motivação é direcionada a um objetivo e depende da interação com fatores intrínsecos e extrínsecos (SAMULSKI, 2002). A motivação intrínseca é a base para o crescimento, integridade psicológica e a conexão social, e uma forma de adquirir e testar suas próprias capacidades, sem precisar de gratificação externa, está relacionado a fatores internos, parte do indivíduo sem considerar o ambiente (VAQUERO, 2005). Já a motivação extrínseca, depende de variáveis sociais e ambientais, ocorre quando são necessários estímulos externos para a realização da atividade, como a recompensa por medalhas, troféus, premiação, dinheiro ou o incentivo de família, amigos, torcida, treinador/professor, sendo os maiores incentivadores à aderência de atividades esportivas por atletas de baixo fator motivacional intrínseco (DECI e RYAN, 2000; SCALON, 2004; VAQUERO, 2005). No futebol profissional, predomina a motivação extrínseca, com as recompensas materiais, enquanto que em outros esportes, a motivação intrínseca é predominante, como a autoestima, busca pelo desempenho esportivo, satisfação na realização das atividades, e num segundo plano, pensa-se nas recompensas materiais (CARRAVETTA, 2006).

O treinador tem uma função motivacional importante com relação a: a) adesão à prática, - através do comportamento do técnico que determinam o sucesso ou não na experiência inicial de alunos; b) continuidade na prática – associado aos métodos e estilos adotados pelo treinador no decorrer dos treinamentos e jogos; c) empenho na prática para a continuidade na atividade esportiva; d) finalidade da

prática – dando um significado para o que o aluno está desenvolvendo (SERPA, 2003).

As crianças que aderem à prática de um esporte tem como motivação principal a convivência com amigos, alegria ou diversão, emoção, aperfeiçoamento e aprendizagem de habilidades, aquisição de forma física (BECKER e TELÖKEN, 2000), porém os adultos que interferem no contexto (treinadores, professores, pais) tem o intuito de vencer e com isto, influenciam negativamente com críticas e feedback negativo quando acontece algum erro ou falha. A capacidade funcional (desempenho) e auto-estima podem diminuir, ocorrendo o abandono do esporte (HAYWOOD e GETCHELL, 2010). O estímulo à competição deveria ser aplicado somente àqueles que são motivados para este fim, sendo que o estímulo inadequado pode influenciar e prejudicar sua motivação, aderência ou continuidade no esporte (SCALON, 2004).

Estudos sobre motivação no contexto esportivo são cada vez mais usuais e trazem resultados importantes para o desenvolvimento da psicologia esportiva, imprescindíveis para o esporte moderno. A importância do estudo sobre os fatores motivacionais para a prática esportiva reside na elaboração de treinos estratégicos, o que contribui no processo de ensino-aprendizagem, direcionando a atividade de acordo com o interesse do praticante, o que tende a aumentar a continuidade na prática esportiva (BERLEZE, VIEIRA e KREBS, 2002).

A avaliação dos motivos é realizada através de instrumentos de motivação para a prática esportiva. O instrumento de Gill, Gross e Huddleston (1983) foi construído para avaliar os motivos de aderência ao esporte, classificando-os em 8 fatores: a) realização/status; b) espírito de equipe; c) fitness; d) gasto de energia; e) fatores situacionais; f) desenvolvimento de habilidades; g) amizade; h) diversão. Já o Inventário de Motivação para a Prática Esportiva, desenvolvido por Gaya e Cardoso (1998) agrupou os motivos de aderência à prática esportiva em três dimensões: a) competência esportiva; b) amizade e lazer; c) saúde.

A competência esportiva é a capacidade de aprender as técnicas relacionadas ao esporte e aplicá-las no contexto. A competição é um processo que envolve a comparação entre indivíduos ou grupos envolvidos, com a valorização às pessoas com melhor desempenho com relação a outros que participam do mesmo evento (WEINBERG e GOULD, 2008). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), saúde é definida como o estado de bem-estar físico, mental e social de um

indivíduo. O lazer é a utilização do tempo livre para a realização de atividades fora das responsabilidades profissionais, exercitando com criatividade as alternativas de ação e participação (CAMARGO, 2006). Já a amizade é caracterizada como um motivo importante quando relacionado à prática esportiva de crianças, com a oportunidade de estar com os amigos, criar novas amizades, ser valorizado e aumentar a auto-estima (WEINBERG e GOULD, 2008).

Os principais motivos identificados nas crianças para a aderência à prática de esportes são de natureza intrínseca, como diversão, o aprendizado de novas habilidades, a convivência com amigos, conquista de novas amizades, a prática de exercícios, melhoria da aptidão física e a experimentação do sucesso (WEINBERG e GOULD, 2008). Em clubes esportivos, com praticantes de diversas modalidades com idades entre 7 e 14 anos, os fatores motivacionais relacionados à competência esportiva foram mais significativos que os relacionados à amizade/lazer e saúde (GAYA e CARDOSO, 1998). Em estudos com atletas de academias e clubes de Londrina e São Paulo, com idades de 10 a 14 anos em diferentes modalidades, com tempo de prática maior que 10 meses, o fator saúde foi mais significativo em relação aos outros dois fatores (INTERDONATO et al., 2008).

Especificamente no futebol, na faixa etária de 10 a 16 anos, os motivos de aderência relacionaram-se primeiramente ao desenvolver habilidades, seguido de excitação e desafios e afiliação (PAIM, 2001a). No futsal, em estudantes com idades entre 13 e 16 anos de escolas particulares de Campo Grande- MS, os motivos relacionaram-se a competência esportiva seguidos dos motivos relacionados à saúde (NUÑEZ et al, 2008).

Deve haver um equilíbrio entre a motivação extrínseca, através de fatores externos como o sucesso, as recompensas materiais ou sociais, ou o resultado esportivo e a motivação intrínseca com os fatores internos, prazer na prática esportiva e a superação de seus limites. A continuidade na prática esportiva acontece com a predominância da motivação intrínseca sobre a extrínseca (SERPA, 2003). Com isto, surge a necessidade de que os treinadores tornem a prática esportiva uma experiência livre de pressões e que atenda os interesses da criança, com a criação de um ambiente agradável para o desenvolvimento de suas potencialidades, sendo que a falta de divertimento e o excesso de cobranças podem ser fatores de abandono do esporte (INTERDONATO et al., 2008).

Em um estudo com atletas que abandonaram a prática de futsal, nas idades de 11 a 17 anos, foi constatado como motivos comuns a todas as idades, o prejuízo nos estudos e a falta de apoio do técnico. Especificamente nas idades de 11 e 12 anos, além dos dois motivos supracitados, também teve relevância a dificuldade de relacionamento com o técnico e a falta de apoio dos pais. Já entre os atletas com idades de 13 a 14 anos, teve relevância a preferência por outros esportes. Foram citadas também como responsáveis pelo abandono pelas idades maiores no estudo, a falta de apoio financeiro e a intensidade de treinamento (HALLAL et al., 2004). Em estudos sobre o abandono de atividades esportivas em esportes individuais (natação e ginástica), concluiu-se que ocorrem na faixa etária de 15 a 17 anos, antes de atingir a etapa de melhor desempenho, tendo como motivos: a) a organização rígida de treinos, com cargas excessivas e monótonas, o que leva a estagnação de resultados e insucesso nas competições; b) a saturação do treino; c) a aversão à prática esportiva e; d) problemas escolares e familiares (MARQUES, 1991).

Na análise da aderência e abandono dos programas de iniciação desportiva em um clube de Novo Hamburgo - RS, com crianças de 9 a 12 anos, destacam-se como motivos para aderência, a busca do divertimento, alegria e prazer, desenvolver hábitos saudáveis, aprender novas técnicas e aprimorar suas habilidades esportivas, fazer novas amizades e participar de um grupo esportivo. Quanto ao abandono da prática esportiva, destacam-se como motivos o relacionamento com o técnico, monotonia do treinamento, falta de apoio do técnico, relacionamento com os companheiros de equipe, pressão e cobrança de resultados, estresse da competição (SCALON, 2004). Na pesquisa em uma escolinha de Futsal, que visa um processo educacional sem o objetivo de competição, Terra et al, (2009) analisaram, em crianças de 7 a 15 anos, a relação entre a motivação para a prática esportiva e a idade e verificaram uma correlação negativa significativa, com a motivação para a competência desportiva diminuindo em relação ao aumento da idade.

As recompensas materiais prematuras, a supervalorização e a queima de etapas (treinar em categorias superiores ou acelerar o processo de treinamento em relação à idade), podem causar no atleta uma auto-satisfação e uma consequente perda da necessária motivação, tendo dificuldades para superar fracassos, resultados negativos, adversidades, críticas, e provocando perda da autoconfiança, declínio técnico e a desistência precoce do esporte (CARRAVETTA, 2006). A motivação está diretamente ligada ao rendimento do atleta, com a medição através

da capacidade de superar a si mesmo ou a obtenção de títulos, medalhas, premiações. Tanto as variáveis sociais, ambientais ou individuais afetam a motivação e o rendimento do atleta, seja de maneira positiva ou negativa, a curto, médio ou longo prazo, de acordo com as características de cada pessoa (VAQUERO, 2005).

3. METODOLOGIA

3.1 Caracterização do estudo

Este estudo caracterizou-se por ser uma pesquisa correlacional, por verificar os aspectos que levam a criança à prática esportiva, analisar o desempenho técnico-tático dos atletas durante a temporada (início, meio e final) e correlacionar as variáveis estudadas.

A investigação descritiva proporciona a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre as variáveis (GIL, 2008). Os estudos descritivos pretendem descrever com exatidão os fatos e os fenômenos de determinada realidade, não limitando-se apenas a coleta, ordenação e classificação dos dados, mas estabelecendo relações entre as variáveis estudadas (TRIVIÑOS, 1987).

A pesquisa correlacional é o tipo de pesquisa que explora relações existentes entre as variáveis. O estudo das relações entre as variáveis é descritivo porque não há a manipulação de variáveis.

3.2 População e amostra

A população do estudo compreendeu os praticantes de futsal das equipes competitivas de Pelotas, que participam do campeonato estadual e cidadão, e os integrantes de escolinhas de futsal, que não participaram de competições, delimitando-se a idade de 10 a 13 anos, em um total de 189 sujeitos.

Para a investigação dos aspectos motivacionais, um questionário foi aplicado a todos os que consentiram fazer parte da pesquisa. Com base nos resultados deste questionário, os praticantes de futsal foram classificados em 4 grupos de acordo com a participação em escolinhas ou equipes competitivas e conforme a tendência motivacional: competência esportiva ou amizade/lazer/saúde.

A amostra para a análise do desempenho técnico-tático foi não-probabilística com a análise de 43 atletas, sendo 11 praticantes do grupo competitivo com tendência motivacional competência esportiva, 10 praticantes do grupo competitivo com tendência motivacional amizade/lazer/saúde, 11 praticantes do grupo não-competitivo com tendência motivacional competência esportiva e 11 praticantes do grupo não competitivo com tendência motivacional amizade/lazer/saúde.

3.3 Delineamento do estudo

As investigações foram realizadas em 2 grupos distintos, de acordo com o nível (G1 – participantes de escolinhas e G2 – participantes de equipes competitivas em âmbito estadual ou citadino). Para cada grupo, os praticantes de futsal foram separados conforme a motivação para a prática esportiva.

G1 (Grupo de participantes de escolinhas)

G1 CE (competência esportiva)

G1 ALS (amizade/lazer e saúde)

G2 (Grupo de participantes de competição estadual)

G2 CE (competência esportiva)

G2 ALS (amizade/lazer e saúde)

3.4 Instrumentos de medida

Para a investigação dos aspectos motivacionais para a prática do Futsal, foi utilizado o Inventário de Motivação para a Prática Desportiva (apêndice A) de Gaya e Cardoso (1998), composto por 19 perguntas objetivas, subdivididas em três categorias: competência desportiva, saúde e amizade/lazer, sendo as perguntas correspondentes a competência esportiva (1, 4, 6, 8, 9, 15, 16 e 17), amizade/lazer (3, 7, 12, 13, 19) e saúde (2, 5, 10, 11, 14 e 18). Cada questão possui três alternativas quanto ao nível de importância: a) “nada importante”; b) “pouco importante”; c) “muito importante”. A pontuação do questionário segue uma escala de 1 a 3, significando o valor menor como “nada importante” e o valor maior como

“muito importante”. Este instrumento foi validado e testado para população brasileira, mais precisamente para jovens de 10 a 15 anos (GAYA e CARDOSO, 1998).

Para a investigação do desempenho técnico-tático, foi utilizado o GPAI – Game Performance Assessment Instrument (apêndice B) de Griffin; Mitchel e Oslin (1998), que possibilita acessar as tomadas de decisões, execução de habilidades e apoio ou suporte no Futsal. Este instrumento foi validado para aplicação em esportes coletivos em 1998, conforme anexo.

Para determinar o desempenho no jogo, o GPAI avalia a escolha do que fazer com a bola (tomada de decisão), eficácia do fundamento selecionado (execução de habilidades), movimento sem bola no ataque e na defesa (suporte ou apoio):

1. Envolvimento do jogo = n° de decisões apropriadas + n° de decisões inapropriadas + n° de execuções eficientes de habilidade + n° de execuções ineficientes de habilidade + n° de movimentos de suporte adequados;
2. Índice de tomada de decisões (ITD) = n° de decisões apropriadas / n° de decisões inapropriadas
3. Índice de execução de habilidades (IH) = n° de execuções eficientes de habilidade / n° de execuções ineficientes de habilidade;
4. Índice de suporte/apoio (IS) = n° de movimentos de apoio apropriados / n° de movimentos de apoio inapropriados;
5. Desempenho global = $(ITD + IH + IS) / 3$

3.5 Procedimentos

Foi encaminhado um ofício à diretoria de cada clube que tenha escolinha ou equipe competitiva, solicitando a apreciação do mesmo e sua autorização para participação no projeto (apêndice C). Após a aprovação, foi encaminhado um documento para os responsáveis pelos alunos, para a autorização da participação das crianças na pesquisa (apêndice D).

A motivação para a prática esportiva medida pelo Inventário de Motivação para a prática desportiva (apêndice A) de Gaya e Cardoso (1998), foi aplicado na fase 1 (início da temporada).

O desempenho técnico-tático medido nas fases 1, 2 e 3 (início, meio e final da temporada), através de observações e filmagens dos treinamentos e jogos. O uso do GPAI (apêndice B) possibilitou acessar as tomadas de decisões, execução de habilidades e apoio ou suporte no futsal, quanto à avaliação se o movimento foi apropriado ou inapropriado para os fundamentos chute, passe e drible.

O quadro abaixo demonstra os instrumentos utilizados e o objetivo alcançado em cada fase da pesquisa.

Quadro 1 – Composição de cada fase do estudo

Fase	Instrumento	Nº de avaliados	Objetivo alcançado
1	Inventário de Motivação para prática esportiva (Gaya e Cardoso, 1998).	189	Verificação da tendência motivacional predominante entre os praticantes de futsal.
1	GPAI (Oslin e. al., 1998).	43	Verificação do desempenho técnico-tático dos praticantes no início da temporada.
2	GPAI (Oslin et al., 1998).	43	Verificação do desempenho técnico-tático dos praticantes no meio da temporada.
3	GPAI (Oslin et al., 1998).	43	Verificação do desempenho técnico-tático dos praticantes no final da temporada.

O número total de avaliações de cada atleta por jogo foi relativizada a 30 minutos, para se obter uma comparação mais sólida, considerando que todos os atletas atuaram os 30 minutos de jogo. A partir disto, definiu-se o envolvimento do jogo, o índice de tomada de decisões (ITD), o índice de execução de habilidades (IH), o índice de suporte/apoio (IS) e o desempenho global.

3.6 Tratamento estatístico

Os dados do desempenho técnico-tático e dos aspectos motivacionais foram analisados pelo pacote estatístico SPSS, através da estatística descritiva (média dos grupos, desvio padrão) e estatística correlacional (análise de variância e teste de post-hoc), com nível de significância de 5%.

3.7 Parecer do Comitê de Ética

A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, conforme parecer nº 237/2011 (apêndice E).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Fatores motivacionais para a prática esportiva

Na Tabela 1 estão representadas as médias, desvio padrão e assimetria para as variáveis pesquisadas (competência esportiva, amizade/lazer e saúde).

Tabela 1 – Média, desvio padrão e assimetria dos pesquisados

	N	Mean	Std. Deviation	Skewness		Kurtosis	
	Statistic	Statistic	Statistic	Statistic	Std. Error	Statistic	Std. Error
comp.esp	189	2,6059	,33607	-,645	,177	-,368	,352
amiz.lazer	189	2,1989	,53055	-,516	,177	-,628	,352
Saúde	189	2,4954	,39064	-,852	,177	,586	,352
Valid N (listwise)	189						

Observa-se no gráfico 1 que os dados dos 189 pesquisados são válidos, não havendo nenhuma perda.

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
comp.esp	189	100,0%	0	,0%	189	100,0%
amiz.lazer	189	100,0%	0	,0%	189	100,0%
Saúde	189	100,0%	0	,0%	189	100,0%

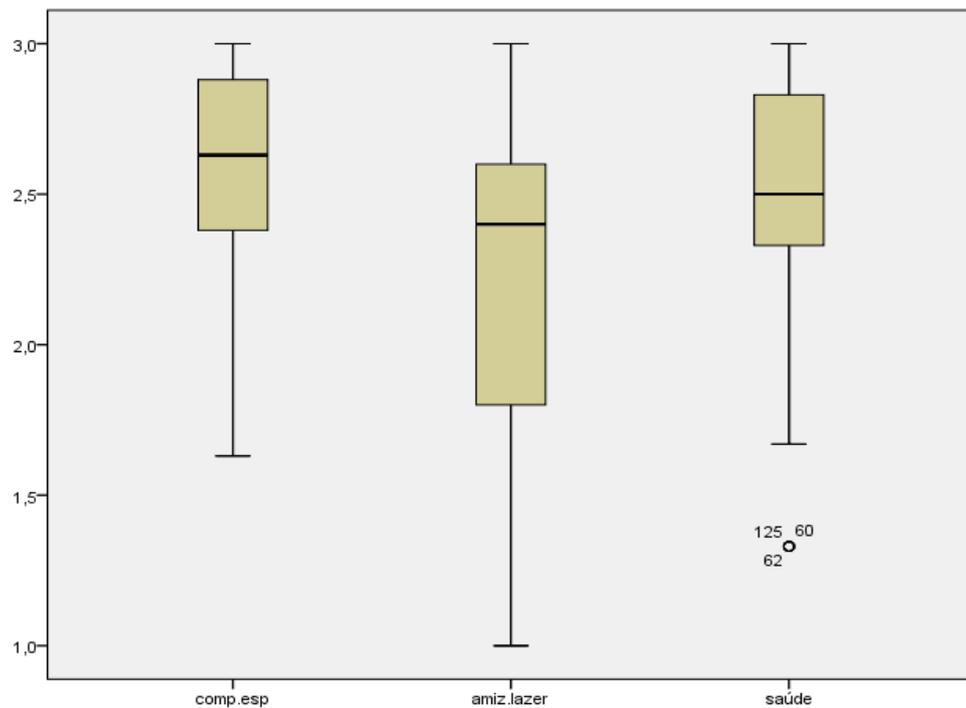


Gráfico 1 – Gráfico das variáveis: competência esportiva, amizade/lazer e saúde

Constatou-se na pesquisa, com pontuação em uma escala de 1 a 3, que o fator motivacional competência esportiva (média de 2,6059 pontos) é superior ao fator motivacional saúde (média de 2,4954 pontos) e amizade/lazer (média de 2,1989 pontos) para os 189 atletas/alunos de equipes e escolinhas de clubes esportivos, na faixa etária de 10 a 13 anos.

A fim de verificar se há diferenças entre a motivação de praticantes de escolinhas e equipes competitivas, demonstra-se no Tabela 2, as médias e desvio padrão dos participantes, divididos em 2 grupos: grupo 1 – alunos de escolinhas, totalizando 108 alunos e grupo 2 – atletas de equipes competitivas, totalizando 81 participantes).

Tabela 2 – Média e desvio padrão dos pesquisados de acordo com seu grupo: escolinha ou equipe competitiva

	Grupo	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
comp. esp	escolinha	108	2,5103	,33500	,03224
	equipe comp.	81	2,7333	,29415	,03268
amiz. lazer	escolinha	108	2,2407	,52365	,05039
	equipe comp.	81	2,1432	,53781	,05976
Saúde	escolinha	108	2,4874	,39868	,03836
	equipe comp.	81	2,5062	,38186	,04243

Analisando-se os alunos do grupo de escolinhas (n=108), a variável competência esportiva (média de 2,5103) e a variável saúde (média de 2,4874) tem valores superiores à variável amizade/lazer (média 2,2407). Quanto ao grupo de equipes competitivas (n=81), há evidência de que o fator motivacional competência esportiva (média de 2,7333) é o preferido, sendo superior a variável saúde (média de 2,5062) e amizade/lazer (média de 2,1432).

Portanto, como a tendência motivacional para estes atletas é a competência esportiva, este estudo aproxima-se de Gaya e Cardoso (1998) que pesquisou em praticantes de 7 a 14 anos de clubes esportivos em diversas modalidades e com Nunez et al. (2008), que pesquisou em praticantes de futsal na faixa etária de 13 a 16 anos em escolas particulares de Campo Grande - MS. Quanto ao estudo de Interdonato et al. (2008) que apontou a saúde como fator mais significativo para atletas de clubes e academia na faixa etária de 10 a 14 anos, difere se analisados somente os atletas competitivos, porém a variável saúde apresentou um valor representativo nos resultados dos alunos de escolinhas esportivas na faixa etária estudada.

4.2 Divisão dos grupos para análise do desempenho esportivo

Como o objetivo desta pesquisa é saber se há diferenças, dentro de cada grupo (escolinha ou equipe competitiva), na evolução do desempenho esportivo das crianças que tenham uma tendência motivacional competitiva ou não, adotou-se como critério para a fase seguinte – análise do desempenho esportivo durante uma temporada, o agrupamento dos dados das tendências amizade/lazer e saúde.

A partir deste momento, o estudo passa a trabalhar com 2 tendências motivacionais à prática do futsal, divididos em 2 grupos (G1 – praticantes de escolinhas de futsal; G2 – praticantes de equipes competitivas de futsal), com as seguintes denominações:

G1 CE	Tendência competência esportiva no grupo de escolinhas
G1 ALS	Tendência amizade/lazer/saúde no grupo de escolinhas
G2 CE	Tendência competência esportiva no grupo de equipes
G2 ALS	Tendência amizade/lazer/saúde no grupo de equipes

Na Tabela 3, demonstra-se a quantidade de participantes e a tendência dos fatores motivacionais (competência esportiva - CE ou amizade/lazer/saúde - ALS) em cada grupo (escolinha – G1 ou equipe competitiva – G2).

Tabela 3 – Quantidade de participantes por grupo para análise do desempenho

	Grupo	N	Análise do desempenho	% em cada grupo
G1	CE	61	11	18,03%
	ALS	42	11	26,19%
	.X *	5		
G2	CE	71	11	15,49%
	ALS	10	10	100%

* X – alunos que apresentaram valores iguais nos fatores motivacionais

Os 81 atletas do grupo competitivo (G2) que responderam o questionário foram oriundos de 6 equipes que participaram de competições estaduais e regionais. Apenas 1 equipe apresentou a competência esportiva como fator motivacional predominante em todos os seus atletas. Esta equipe foi a que alcançou a melhor colocação em competições entre as equipes que tiveram atletas pesquisados. No Tabela 4, está demonstrada a quantidade de atletas de acordo com a motivação esportiva em cada equipe.

Tabela 4 – Praticantes G2 de acordo com os fatores motivacionais por equipe

Grupo G2	CE	ALS
Equipe 1	14	0
Equipe 2	14	1
Equipe 3	11	4
Equipe 4	10	2
Equipe 5	7	1
Equipe 6	15	2

Dos 189 pesquisados na 1ª fase da pesquisa – motivação para a prática esportiva, foram selecionados 43 alunos/atletas (22,75%) para a 2ª fase da pesquisa – análise do desempenho esportivo durante uma temporada.

A seleção para a 2ª fase da pesquisa obedeceu o seguinte critério: no G2-ALS foram selecionados todos os atletas, em função de que o número de crianças com esta tendência no grupo de equipes competitivas é baixo; nos demais grupos (G2-CE, G1-ALS, G1-CE), foram selecionados os alunos/atletas que obtiveram a maior diferença entre as tendências, excetuando-se os goleiros.

A opção por não escolha dos goleiros, foi pelo fato de serem analisados nas três etapas de uma temporada (início, meio e final), os fundamentos passe, drible e chute a gol, o que dificulta a análise em jogadores desta posição, principalmente pela nulidade ou baixa quantidade nos fundamentos drible e chute a gol.

A análise do desempenho técnico-tático foi medido através do GPAI, marcando-se 1 ponto para cada tomada de decisão correta, 1 ponto para cada execução correta de fundamento e 1 ponto para cada suporte ou apoio para seu companheiro de equipe na execução das ações. Todos os resultados apresentados na análise do desempenho esportivo retratam o índice de desempenho global para cada grupo, que é determinado pela média do índice de tomada de decisão, índice de habilidades e índice de suporte/apoio.

Na tabela 5 demonstra-se a média e desvio padrão da motivação esportiva dos 4 grupos para a 2ª etapa da pesquisa.

Tabela 5 – Média e desvio padrão do questionário de motivação para a prática esportiva dos 4 grupos da 2ª etapa da pesquisa

Grupo		CE	ALS
G1-CE	Mean	2,6500	2,0155
	N	11	11
	Std. Deviation	24228	30287
G1-ALS	Mean	2,1727	2,5127
	N	11	11
	Std. Deviation	23850	25939
G2-CE	Mean	2,8427	2,0155
	N	11	11
	Std. Deviation	16823	32104
G2-ALS	Mean	2,4900	2,5730
	N	10	10
	Std. Deviation	28008	24445
Total	Mean	2,5400	2,2723
	N	43	43
	Std. Deviation	33788	38266

4.3 Análise do desempenho esportivo

A análise do desempenho esportivo foi realizada dentro de cada grupo, com a utilização do teste t para variáveis dependentes, verificando a evolução dos resultados do final da temporada em relação ao início.

4.3.1 Grupo de equipe competitiva, com tendência motivacional amizade/lazer/saúde (G2-ALS)

Na tabela 6, estão apresentados a média e desvio padrão da análise do desempenho esportivo dos atletas, com tendência motivacional não-competitiva, que participaram de competições esportivas nesta temporada. No Tabela 7, está demonstrada a normalidade dos dados nas três etapas, com índice > 0,05.

Tabela 6 – Média e desvio padrão do desempenho esportivo no grupo G2-ALS nas três etapas de avaliação

	N Statistic	Minimum Statistic	Maximum Statistic	Mean Statistic	Std. Deviation Statistic	Skewness		Kurtosis	
						Statistic	Std. Error	Statistic	Std. Error
Início	10	,92	2,54	1,6600	,53037	,137	,687	-1,031	1,334
Meio	10	,63	2,89	1,7086	,63072	,153	,687	,677	1,334
Final	10	1,16	2,69	2,0440	,47605	-,745	,687	-,167	1,334
Valid N (listwise)	10								

Tabela 7 – Teste de normalidade do grupo G2-ALS nas três etapas de avaliação

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Início	,132	10	,200*	,963	10	,823
Meio	,182	10	,200*	,966	10	,856
Final	,213	10	,200*	,938	10	,530

a. Lilliefors Significance Correction

*. This is a lower bound of the true significance.

Tabela 8 – Teste t dependente no grupo G2-ALS

		Paired Differences					t	df	Sig - (2-tailed)
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
					Lower	Upper			
Pair 1	início – final	-,38400	,41242	,13042	-,67903	-,08897	-2,944	9	,016
Pair 2	início – meio	-,04861	,49230	,15568	-,40079	,30356	-,312	9	,762
Pair 3	meio – final	-,33539	,52915	,16733	-,71392	,04315	-2,004	9	,076

Para determinar se houve diferença significativa entre o final e o início da temporada na avaliação do desempenho esportivo, foi aplicado o teste t dependente, com o resultado de $t = -2,944$ a um nível de significância de 0,016. Nas demais comparações entre as etapas, não houve diferenças significativas, com o nível de significância $> 0,05$.

4.3.2 Grupo de equipe competitiva, com tendência motivacional competência esportiva (G2-CE)

Na tabela 9, estão apresentados a média e desvio padrão da análise do desempenho esportivo dos atletas, com tendência motivacional competência esportiva, que participaram de competições esportivas nesta temporada. Na tabela 10, está demonstrada a normalidade dos dados nas três etapas, com índice $> 0,05$.

Tabela 9 – Média e desvio padrão do desempenho esportivo no grupo G2-CE nas três etapas de avaliação

	N Statistic	Minimum Statistic	Maximum Statistic	Mean Statistic	Std. Deviation Statistic	Skewness		Kurtosis	
						Statistic	Std. Error	Statistic	Std. Error
Início	11	,96	2,14	1,6983	,38066	-,752	,661	-,294	1,279
Meio	11	1,01	5,00	2,6500	1,13363	,667	,661	,584	1,279
Final	11	1,97	5,45	3,5047	1,06962	,147	,661	-,417	1,279
Valid N (listwise)	11								

Tabela 10 – Teste de normalidade para o grupo G2-CE nas três fases de avaliação

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Início	,161	11	,200 [*]	,934	11	,453
Meio	,154	11	,200 [*]	,965	11	,828
Final	,107	11	,200 [*]	,962	11	,802

a. Lilliefors Significance Correction

*. This is a lower bound of the true significance

Tabela 11 – Teste t dependente no grupo G2-CE

		Paired Differences							
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference		t	df	Sig. (2-tailed)
					Lower	Upper			
Pair 1	Início-FInal	-1,80646	,90334	,27237	-2,41334	-1,19959	-6,632	10	,000
Pair 2	Início-Meio	-,95172	,93013	,28045	-1,57659	-,32685	-3,394	10	,007
Pair 3	Meio-Final	-,85474	1,02336	,30855	-1,54224	-,16724	-2,770	10	,020

O teste t dependente aplicado neste grupo definiu que houve diferenças significativas na comparação entre todas as fases da pesquisa; entre o início e final da temporada, $t = -6,632$ a um nível de significância de 0,000; entre o início e meio da temporada, $t = -3,394$ a um nível de significância de 0,007; entre o meio e final da temporada, $t = -2,770$ a um nível de significância de 0,020 (Tabela 11).

4.3.3 Grupo de escolinhas, com tendência motivacional amizade/lazer/saúde (G1-ALS)

A média e o desvio padrão da análise do desempenho esportivo dos atletas, com tendência motivacional não-competitiva, que participaram de escolinhas de futsal, sem a participação em competições, estão demonstradas no Tabela 12. A normalidade dos dados nas três etapas, com índice $> 0,05$ está demonstrada na tabela 13.

Tabela 12 – Média e desvio padrão do desempenho esportivo no grupo G1-ALS nas três etapas de avaliação

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation	Skewness		Kurtosis	
	Statistic	Statistic	Statistic	Statistic	Statistic	Statistic	Std. Error	Statistic	Std. Error
Início	11	,70	2,38	1,5474	,44479	,002	,661	,951	1,279
Meio	11	1,26	2,04	1,6655	,28875	-,202	,661	-1,520	1,279
Final	11	1,38	2,47	2,0275	,31799	-,568	,661	,158	1,279
Valid N (listwise)	11								

Tabela 13 – Teste de normalidade do grupo G1-ALS nas três etapas de avaliação

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Início	,180	11	,200*	,972	11	,905
Meio	,197	11	,200*	,913	11	,266
Final	,139	11	,200*	,962	11	,794

a. Lilliefors Significance Correction

*. This is a bound of the true significance.

O teste t dependente aplicado revelou diferenças significativas entre o início e o final da temporada, com $t = -3,502$ e sig. 0,006 e entre o meio e final da temporada, com $t = -3,317$ e sig. 0,008 (Tabela 14).

Tabela 14 – Teste t dependente no grupo G1-ALS

		Paired Differences						t	df	Sig. (2-tailed)
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference					
					Lower	Upper				
Pair 1	Início-Final	-,48015	,45469	,13709	-,78561	-,17468	-3,502	10	,006	
Pair 2	Início-Meio	-,11814	,29380	,08858	-,31552	,07924	-1,334	10	,212	
Pair 3	Meio-Final	-,36200	,36198	,10914	-,60519	-,11882	-3,317	10	,008	

4.3.4 Grupo de escolinhas, com tendência motivacional competência esportiva (G1-CE)

A média e o desvio padrão da análise do desempenho esportivo dos atletas, com tendência motivacional competência esportiva, que participaram de escolinhas de futsal, sem a participação em competições, estão demonstradas no Tabela 15. A normalidade dos dados nas três etapas, com índice $> 0,05$ está demonstrada na Tabela 16.

Tabela 15 – Média e desvio padrão do desempenho esportivo no grupo G1-CE nas três etapas de avaliação

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation	Skewness		Kurtosis	
	Statistic	Statistic	Statistic	Statistic	Statistic	Statistic	Std. Error	Statistic	Std. Error
Início	11	1,12	2,64	1,6764	,48172	,871	,661	,166	1,279
Meio	11	1,47	2,18	1,7546	,18971	,874	,661	1,654	1,279
Final	11	1,52	2,21	1,8993	,21468	-,216	,661	-,610	1,279
Valid N (listwise)	11								

Tabela 16 – Teste de normalidade do grupo G1-CE nas três etapas de avaliação

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Início	,189	11	,200	,914	11	,273
Meio	,179	11	,200	,948	11	,615
Final	,120	11	,200	,974	11	,928

a. Lilliefors Significance Correction

*. This is a bound of the true significance

O teste t dependente aplicado neste grupo revelou diferenças significativas apenas entre o meio e final da temporada, com $t = - 2,662$ e sig. 0,024. Nas demais comparações, não houve diferenças significativas (Tabela 17).

Tabela 17 – Teste t dependente no grupo G1-CE

		Paired Differences				t	df	Sig. (2-tailed)	
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
					Lower				Upper
Pair 1	Início –Final	-,22281	,49828	,15024	-,55755	,11194	-1,483	10	,169
Pair 2	Início –Meio	-,07814	,42611	,12848	-,36440	,20813	-,608	10	,557
Pair 3	Meio – Final	-,14467	,18026	,05435	-,26577	-,02357	-2,662	10	,024

Na análise do desempenho esportivo dos alunos/atletas pesquisados, comparando-se o início da temporada em relação ao final, nota-se que todos evoluíram, em números absolutos no decorrer da temporada, tendo um rendimento no final superior ao início, assim como comprovado no estudo de Paim (2001b). Porém com a aplicação do teste t, nota-se que houve diferenças significativas nos grupos G2-CE ($t = - 6,632$, sig. 0,000), G1-ALS ($t = - 3,502$, sig 0,006) e G2-ALS ($t = - 2,944$, sig. 0,016), não havendo diferença significativa no grupo G1-CE ($t = - 1,483$, sig. 0,169).

Nota-se uma diferença na evolução das crianças no decorrer de uma temporada, tanto as que estão expostas à competição (G2), com um maior ganho de aprendizagem dos atletas que tem como fator motivacional, a competência esportiva, quanto as que não participam de eventos competitivos (G1), com uma maior evolução para os que possuem uma motivação esportiva amizade/lazer/saúde.

O maior ganho de aprendizagem de G1-ALS sobre G1-CE, representa a ênfase no aprendizado de fundamentos técnico/táticos e a recreação em um ambiente em que a competição não é o fator mais importante, corroborando com Voser (1996); Bello Jr. (1998); Filin (1996); Samulski (1999); Santana (2004).

No grupo de competição G2, enquanto os praticantes com a tendência motivacional competência esportiva tiveram a maior evolução de todos os grupos no desempenho técnico-tático no decorrer da temporada, crescendo de 1,6983 para 3,5047 ($t = - 6,632$, sig. 0,000), demonstrando o foco na competição e na obtenção de resultados como o ponto principal, o que torna-se mais frequente na atualidade em função do modelo de competições ser muito parecido com o modelo

apresentado nas competições adultas, valorizando a busca pelos melhores resultados e o rendimento esportivo em categorias menores, concordando-se com Vargas Neto et al (2005) e Barbanti (2005); os atletas com a tendência motivacional amizade/lazer/saúde apresentaram uma evolução menor no desempenho técnico-tático de 1,6600 para 2,0440 ($t = - 2,944$, sig. 0,016), muito próximo aos resultados apresentados pelas crianças do grupo não-competitivo (G1-ALS e G1-CE), o que demonstra que estes atletas apresentaram mais dificuldades em lidar com o competição, conforme referenciado em Scalon (2004), Machado et al (2010), Gomes (2000), Saad (2006); Becker e Teloken (2000).

4.3.5 Comparação entre grupos

A Tabela 18 mostra, através do teste t independente, que não existem diferenças significativas entre os valores de início e final da temporada, comparando-se as tendências motivacionais (CE e ALS) para o grupo não competitivo (G1).

Tabela 18 – Teste t independente para o grupo não competitivo G1

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
								Lower	Upper	
Início	Equal variances assumed	,176	,679	,653	20	,521	,12906	,19769	-,28332	,54143
	Equal variances not assumed			,653	19,874	,521	,12906	,19769	-,28348	,54160
Final	Equal variances assumed	1,483	,237	-1,109	20	,281	-,12828	,11568	-,36959	,11302
	Equal variances not assumed			-1,109	17,548	,282	-,12828	,11568	-,37177	,11520

A Tabela 19 demonstra que houve diferença significativa entre os valores das médias dos grupos G2-CE e G2-ALS, ($F = 4,882$, sig. 0,000) no final da temporada. Já, na análise do início da temporada, não houve diferenças significativas para o grupo competitivo G2.

Tabela 19 – Teste t independente para o grupo competitivo G2

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	Df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Início	Equal variances assumed	1,331	,263	,191	19	,850	,03828	,19999	-,38031	,45686
	Equal variances not assumed			,188	16,205	,853	,03828	,20323	-,39211	,46866
Final	Equal variances assumed	4,882	,040	3,969	19	,001	1,46074	,36804	,69043	2,23105
	Equal variances not assumed			4,104	14,089	,001	1,46074	,35591	,69785	2,22363

4.3.6 Comparação dos grupos

As Tabelas 20 e 21 representam a análise de variância dos dados, verificando que no início da temporada não houve diferenças estatísticas e que no final da temporada o grupo G2-CE é estatisticamente diferente dos demais grupos, demonstrando o maior crescimento em relação ao início da temporada.

Tabela 20 – A nova dos 4 grupos para início e final de temporada

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
início	Between Groups	,149	3	,050	,234	,872
	Within Groups	8,280	39	,212		
	Total	8,429	42			
final	Between Groups	18,953	3	6,318	16,478	,000
	Within Groups	14,952	39	,383		
	Total	33,905	42			

Tabela 21 – Comparação múltipla entre os 4 grupos no início e final de temporada

Tukey HSD

Dependent Variable	(I) grupo	(J) grupo	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Bound	Upper Bound
Início	G1-CE	G1-ALS	,12906	,19647	,912	-,3981	,6563
		G2-CE	-,02183	,19647	1,000	-,5490	,5054
		G2-MAS	,01645	,20132	1,000	-,5238	,5567
	G1-ALS	G1-CE	-,12906	,19647	,912	-,6563	,3981
		G2-CE	-,15089	,19647	,868	-,6781	,3763
		G2-MAS	-,11261	,20132	,943	-,6528	,4276
	G2-CE	G1-CE	,02183	,19647	1,000	-,5054	,5490
		G1-ALS	,15089	,19647	,868	-,3763	,6781
		G2-MAS	,03828	,20132	,998	-,5019	,5785
	G2-MAS	G1-CE	-,01645	,20132	1,000	-,5567	,5238
		G1-ALS	,11261	,20132	,943	-,4276	,6528
		G2-CE	-,03828	,20132	,998	-,5785	,5019
Final	G1-CE	G1-ALS	-,12828	,26402	,962	-,8368	,5802
		G2-CE	-1,60548	,26402	,000	-2,3140	-,8970
		G2-MAS	-,14474	,27054	,950	-,8707	,5812
	G1-ALS	G1-CE	,12828	,26402	,962	-,5802	,8368
		G2-CE	-1,47720	,26402	,000	-2,1857	-,7687
		G2-MAS	-,01646	,27054	1,000	-,7424	,7095
	G2-CE	G1-CE	1,60548	,26402	,000	,8970	2,3140
		G1-ALS	1,47720	,26402	,000	,7687	2,1857
		G2-MAS	1,46074	,27054	,000	,7348	2,1867
	G2-MAS	G1-CE	,14474	,27054	,950	-,5812	,8707
		G1-ALS	,01646	,27054	1,000	-,7095	,7424
		G2-CE	-1,46074	,27054	,000	-2,1867	-,7348

* The mean difference is significant the 0.05 level.

5. CONCLUSÃO

Ao estudar os aspectos motivacionais que levam uma criança de 10 a 13 anos à prática do futsal e sua relação com o desempenho técnico-tático adquirido por este praticante durante uma temporada, constata-se que:

a) A tendência motivacional predominante das crianças na prática do futsal em escolinhas e equipes competitivas é a competência esportiva, seguido do fator saúde e do fator amizade/lazer;

b) Nas equipes competitivas, o fator motivacional competência esportiva é predominante com diferença significativa em relação aos outros fatores (saúde e amizade/lazer). Nas escolinhas ou grupo não competitivo, o fator motivacional competência esportiva e o fator saúde estão com valores muito próximos e com vantagem sobre o fator motivacional amizade/lazer;

c) Todos os alunos/atletas melhoraram, em números absolutos, seu desempenho técnico-tático durante a temporada;

d) Nas equipes competitivas, o desempenho técnico-tático, ao final da temporada em relação ao início, dos atletas com tendência motivacional competência esportiva é superior aos atletas com tendência motivacional amizade/lazer/saúde;

e) Nas escolinhas, os alunos com tendência motivacional amizade/lazer/saúde tiveram um desempenho técnico-tático maior que os alunos com tendência motivacional competência esportiva, comparando-se o final da temporada em relação ao início;

f) O grupo não competitivo com tendência motivacional competência esportiva (G1-CE) não apresentou diferenças significativas nos resultados do desempenho técnico-tático do final da temporada em relação ao início;

g) No início da temporada, não há diferenças significativas entre os alunos/atletas das duas tendências motivacionais dentro de seus respectivos grupos (G1-CE e G1-ALS; G2-CE e G2-ALS);

h) Ao final da temporada, o grupo competitivo com tendência motivacional competência esportiva (G2-CE) apresentou o maior desempenho técnico-tático, sendo estatisticamente diferente dos demais;

i) Entre as 6 equipes competitivas analisadas, a única equipe que teve todos seus atletas com tendência motivacional competência esportiva, obteve a melhor classificação na competição esportiva em que atuou.

Após as constatações da pesquisa, em que os atletas com tendência motivacional competência esportiva tem um maior desempenho técnico-tático nas equipes competitivas e que os alunos com tendência motivacional amizade/lazer/saúde tem maior desempenho técnico-tático nas escolinhas, conclui-se que a motivação para a prática esportiva está relacionada diretamente ao desempenho técnico-tático.

Portanto, este estudo serve como parâmetro para que treinadores e professores de Educação Física que trabalham com crianças nesta faixa etária tenham melhores condições de conduzir o treinamento de acordo com os aspectos motivacionais, contribuindo para que adquiram um melhor desempenho técnico-tático na temporada e que possam aproveitar melhor cada momento do treinamento.

6. LIMITAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES PARA NOVAS PESQUISAS

Foram selecionados para participação na pesquisa, praticantes de futsal dos clubes que possuíam equipes competitivas (participação em competições estaduais, regionais ou cidadinas) e equipes não competitivas (escolinhas), e cujos treinadores de equipes não competitivas fossem também treinadores ou auxiliares técnicos das equipes competitivas dos referidos clubes, sendo esta uma limitação para o estudo.

Como sugestão para trabalhos futuros:

- análise da associação entre a motivação esportiva e o desempenho técnico-tático de praticantes de futsal em todos os clubes da cidade;
- análise da associação entre a motivação esportiva e o desempenho técnico-tático de titulares e reservas das equipes competitivas;
- análise de abandono do futsal na faixa etária estudada e sua associação com a motivação esportiva.

REFERÊNCIAS

APOLO, A. **Manual técnico didático de Futsal**. São Paulo: Scortecci, 1995.

BARBANTI, V. J. **Formação de esportistas**. Barueri: Manole, 2005.

BECKER JR., B. **Psicologia aplicada a criança e ao esporte**. Novo Hamburgo: Feevale, 2000.

BECKER JR., B. & SAMULSKI, D. **Manual do treinamento psicológico para o esporte**. Novo Hamburgo: Feevale, 1998.

BECKER JR., B & TELÖKEN, E. A criança no esporte. In: BECKER JR, B. **Manual de psicologia do esporte e exercício**. Porto Alegre: Novaprova, 2000.

BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 9.ed, 2003.

BELLO JR., N. **A ciência do esporte aplicada ao Futsal**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

BERLEZE, A; VIEIRA, L. F.; KREBS, R. J. Motivos que levam crianças à prática de atividades motoras na escola. **Revista da Educação Física UEM**, Maringá, v.13, n.1, p.99-107, 2002. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3757/2581>. Acessado em 19/01/2011.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS. Dispõe sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União, 10 de outubro de 1996.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CAMARGO, L. O. **O que é lazer?** .São Paulo: Brasiliense, 2006.

CARRAVETTA, E. S. **Modernização da gestão do futebol brasileiro: perspectivas para a qualificação do rendimento esportivo.** Porto Alegre: AGE, 2006.

CBFS – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO, Site Oficial. Disponível em <http://www.cbfs.com.br>. Acesso em 20/09/2010.

CID, J. L. **Futebol sala: experiencias taticas.** Madrid: Hehotipia Artistica, 1995.

COUTO JR., JM et al. A influência da torcida na performance de jogadores brasileiros de Futsal: um viés da Psicologia do Esporte. Rio Claro: **Motriz**, v.13 nº 4, p. 259-265, 2007.

CORREA, U. C.; SILVA, A. S. Efeitos de diferentes métodos de aprendizado no futebol de salão. Rio Claro: **Motriz**, v.10, n.2, p.79-88, mai./ago. 2004.

DE ROSE JR., D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

DECY, E. L.; RYAN, R. M. The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and self-determination of behavior. **Psychological Inquiry**, v.11, nº.4, 2000.

FGFS – FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTEBOL DE SALÃO, Site Oficial. Disponível em <http://www.futsalrs.com.br>,. Acesso em 20/09/2010.

FILGUEIRA, F. M.; SCHWARTZ, G. M. Torcida familiar: a complexidade das inter-relações na iniciação esportiva ao futebol. Lisboa: **Revista Portuguesa de Ciência e Desporto**, vol.7, n.2,p.245-253, ago, 2007.

FILGUEIRA, F. M.; GRECO, P. J. Futebol: um estudo sobre a capacidade tática no processo de ensino-aprendizagem-treinamento. **Revista Brasileira de Futebol**, vol. 1, n.2, p.53-65, jul-dez, 2008.

FILIN, V. P. **Desporto juvenil: teoria e metodologia.** Londrina: Centro de Informações Esportivas, 1996.

FRANCKE, P. E. A iniciação esportiva e a especialização precoce no futebol: fatores de crescimento ou de exclusão? Buenos Aires: **Lecturas educación física y deporte - Revista Digital.** n. 131, abr. 2009. Disponível em <http://www.efdeportes.com>. Acessado em 01/11/2010.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos.** São Paulo: Phorte, 2003.

GARGANTA, J. Competências no ensino e treino de jovens futebolistas. Buenos Aires: **Lecturas educación física y deporte - Revista Digital**, n. 45, fev. 2002. Disponível em <http://www.efdeportes.com>. Acessado em 10/02/2011.

GAYA, A.; CARDOSO, M. Os fatores motivacionais para a prática desportiva e suas relações com o sexo, idade e níveis de desempenho desportivo. Porto Alegre: **Perfil**, ano 2, n.2, 1998.

GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: atlas, 2008.

GOMES, A. C. Futsal na infância e adolescência, 2000. Disponível em <http://www.Futsalbrasil.com.br/artigos>. Acessado em 20/04/2010.

GRECO, P. J. O ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes coletivos: uma análise inter e transdisciplinar. In: GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L. M. (Org.). **Temas Atuais VII Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Health, 2002, v. 7, p. 53-58.

HALLAL, P. C.; NASCIMENTO, R. R.; HACKBART, L.; ROMBALDI, A. J. Fatores intervenientes associados ao abandono do Futsal em adolescentes. Brasília: **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v.12, n.3, p.27-32, 2004.

HAYWOOD, K. M.; GETCHELL, N. **Desenvolvimento motor ao longo da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

HELLSTEDT, J. C. Invisible players: a family systems model. In: MURPHY, S. M. **Sport psychology interventions**. Champaign, IL USA: Human Kinetics, 1995.

HERNANDEZ, J. A. E.; VOSER, R. C.; LYKAWKA, M. G. A. Motivação no esporte de elite: comparação de categorias do futsal e futebol. Buenos Aires: **Lecturas educación física y deporte - Revista Digital**, n.77, out. 2004. Disponível em <http://www.efdeportes.com>. Acessado em 30/10/2010.

INTERDONATO, G. C., MIARKA, B., OLIVEIRA, A. R.; GORGATTI, M. G. Fatores motivacionais de atletas para a prática esportiva. **Motriz**, Rio Claro, v.14, n.1, 2008.

KORZAKAS, P. O esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa. In: DE ROSE JR, D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LEITE, W. S. S. Especialização precoce: os danos causados à criança. Buenos Aires: **Lecturas educación física y deporte - Revista Digital**, n.113, out. 2007. Disponível em <http://www.efdeportes.com>. Acessado em 23/01/2011.

MACHADO, A. A., GOMES, R. A., BRANDÃO, M. R. F.; PRESOTO, D. Especialização esportiva precoce: análise da psicologia do esporte. Jundiaí: **Pulsar**, v.2, n.1, 2010.

MAGILL, R. A. **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações**. São Paulo: Edgard Blucher, 5. ed., 2001.

MARQUES, A. A especialização precoce na preparação desportiva. Lisboa: **Treino esportivo**, n.19, p.9-15, 1991.

MENEZES, M. F. **Futsal – aprimoramento técnico e tático**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

MIZOGUCHI, M. V., VIEIRA, L. F., VISSOCI, J. R. N., AMORIM, A. C. Mini-campeões: Estudo da trajetória da carreira esportiva de praticantes de Futsal das categorias menores do estado do Paraná. In: II Congresso de Ciências do desporto e Educação Física dos países de Língua Portuguesa, 2008. **Anais do XII Congresso de Ciências di desporto e Educação Física dos países de Língua Portuguesa**. Porto Alegre: UFRGS, 2008, v..1, p-128-130.

MOLINUEVO, J. S. **Futbol Sala: las acciones del juego**. Madrid: Gymnos, 1997.

NUÑEZ, P. R. M., PICADA, H. F. S. L., SCHULZ, S. T., HABITANTE, C. A., SILVA, J. V. P. Motivos que levam adolescentes a praticarem Futsal. Campinas: **Conexões**, v.6., n.1, 2008.

ORTEGA, E.; OLMEDILLA, A.; BARANDA, P. S.; GÓMEZ, M. A. Relationship between the level of self-efficacy, performance indicators, and participation in youth basketball. Barcelona: **Revista de Psicologia del deporte**, v.18, p.337-342, 2009.

ORTIZ, L. F. R.; VOSER, R. C.; HERNANDEZ, J. A. **Comparação na motivação para o esporte entre atletas federados masculino e feminino**. p.1-25, fev.2008. Disponível em: <http://www.futsalbrasil.com.br/2008/artigos/artigo-de-futsal-8.pdf>. Acessado em 03/05/2011.

OSLIN, J. L., MITCHEL, J. A.; GRIFFIN, L. L. The game performance assessment instrument (GPAI): development and preliminary validation. **Journal of Teaching in Physical Education**, n.17, pg. 231-243, 1998.

PAIM, M. C. C. Motivos que levam adolescentes a praticar o futebol. Buenos Aires: **Revista Digital**, n.43, nov. 2001a. Disponível em <http://www.efdeportes.com>. Acessado em 18/12/2010.

PAIM, M. C. C. Fatores motivacionais e desempenho no futebol. Maringá: **Revista da Educação Física UEM**, v.12, n.2, p.73-79, 2001b.

PEREIRA, F. M.; DAVID, C. E. B. Trajetória esportiva do atleta gaúcho de sucesso no futsal. Santa Maria: **Kinesis**, n.28, p.82-95, 2003.

PINTO, F. S.; SANTANA, W. C. Iniciação ao Futsal: as crianças jogam para aprender ou aprendem para jogar? Buenos Aires: **Lecturas en educación física y deporte - Revista Digital**, n.96, 2006. Disponível em <http://www.efdeportes.com>. Acessado em 22/11/2010.

PORTELA, D. L. A influência dos pais no rendimento da criança em competições. Buenos Aires: **Lecturas en educación física y deporte - Revista Digital**, n.57, fev. 2003. Disponível em <http://www.efdeportes.com>. Acessado em 04/05/2011.

RÉ, A. H. N.; DE ROSE JR., D.; BOHME, M. T. S. Stress e nível competitivo: considerações sobre jovens praticantes de Futsal. Brasília: **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v.12, n.4, p.83-87, dez.2004.

REZER, R. **A prática pedagógica em escolinhas de futebol/Futsal: possíveis perspectivas de superação**, 2003. Dissertação (Mestrado em educação física) Faculdade de Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis. Disponível em <http://www.tede.ufsc.br/teses/PGEF0067.pdf>. Acessado em 25/09/2010.

ROBERTS, G; TREASURE, D. C. Motivational determinants of achievement of children in Sport. Barcelona: **Revista de Psicologia del deporte**, v.8, p.123-134, 1995.

SAAD, M. A. Iniciação nos jogos esportivos coletivos. Buenos Aires: **Lecturas educación física y deporte - Revista Digital**, n. 95, abr. 2006. Disponível em <http://www.efdeportes.com>. Acessado em 31/10/2010.

SAMULSKI, D. **Novos conceitos em treinamento desportivo CENESP - UFMG**. Brasília: Indesp, 1999.

_____. **Psicologia do esporte: Manual para Educação Física, Fisioterapia e Psicologia**. São Paulo: Manole, 2002.

SANTANA, W. C. **Futsal: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização**. Campinas: Autores Associados, 2004.

SANTANA, W. C.; REIS, H. H. B; RIBEIRO, D. A. A Iniciação de jogadores de Futsal com participação na Seleção Brasileira. In: II Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte, 2005, Maringá - PR. **Anais do II Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte**, 2005.

SANTOS FILHO, J. L. A. **Manual de Futsal**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

SCALON, R. M. **A psicologia do esporte e a criança**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SERPA, S. Treinar jovens: complexidade, exigência e responsabilidade. Maringá: **Revista de Educação Física UEM**, v.14, n.1, p.75-82, 2003.

SIMÕES, A. C.; BOHME, M. T. S.; LUCATO, S. A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. São Paulo: **Revista Paulista de Educação Física**, v.13, n.1, p.34-45, jan/jul 1999.

SMOLL, F. Coach-Parent relationship in youth sports: Increasing and minimizing hassle. In: WILLIAMS, J. **Applied sport psychology: Personal growth to peak performance**, p. 151-161, Mountain View, CA: Mayfield, 2001.

SMOLL, F. L.; SMITH, R. E. Conducting sport psychology training programs for coaches: Cognitive-behavioral principles and techniques. In: WILLIAMS, J. **Applied sport psychology: Personal growth to peak performance**, p. 378-400, Mountain View, CA: Mayfield, 2001.

TANI, G. Iniciação esportiva e influências do esporte moderno. In: SILVA, F. M. **Treinamento desportivo: aplicações e implicações**. João Pessoa: Universitária, 2002.

TEIXEIRA JR., J. **Futsal 2000: o esporte do novo milênio**. Porto Alegre: 1996.

TERRA, G. B.; HERNANDEZ, J. A. E.; VOSER, R. C. A motivação de crianças e adolescentes para a prática de Futsal. Buenos Aires: **Revista Digital**, nº 128, 2009.

TEUNISSEN, E. **El futbol sala: técnica, tactica, entrenamiento, reglamento**. Barcelona: Editorial Hispano Europea, 1995.

TRESCA, R. P.; DE ROSE JR., D. Estudo comparativo da motivação intrínseca em escolares praticantes e não praticantes de dança. Brasília: **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v.8, nº1, p.9-13, 2000.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VAQUERO, P. Motivación, incentivos y rendimiento. Estudio de um caso em hockey sobre césped. Barcelona: **Revista de Psicología del deporte**, v.14, n.2, p.271-281, 2005.

VARGAS NETO, F. X. A iniciação esportiva e os riscos de especialização precoce. In: VII Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, Florianópolis: UFSC/UDESC. **Anais do VII Congresso de Educação Física e Ciência do Desporto dos Países de Língua Portuguesa**, 1999.

VARGAS NETO, F. M et al. Especialização precoce infantil: benefícios e malefícios. In: XVIII Simpósio Nacional de Educação Física, Pelotas – RS. **Anais do XVIII Simpósio Nacional de Educação Física**, 2005.

VEIGA, V. V.; TEIXEIRA, L. R. F. **A motivação para a prática desportiva em praticantes de futebol e futsal masculino com idade de 10 a 15 anos**. 2007. Disponível em <http://www.futsalbrasil.com.br/2008/artigos/artigo-de-futsal-6.pdf>. Acessado em 16/06/2010.

VILANI, L. H.; SAMULSKI, D. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In: SILAMI GARCIA, E & LEMOS, K.L.M. **Temas Atuais VII: Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Editora Health, 2002.

VOSER, R. C. **Iniciação ao Futsal: abordagem recreativa**. Canoas: Ulbra, 1996.

_____. **Análise das intervenções pedagógicas em programas de iniciação ao Futsal**. Pelotas, 1999.

WEIN, H. Cuándo El niño está listo para disputar competiciones organizadas? Buenos Aires: **Revista Digital**, n.32, mar. 2001. Disponível em <http://www.efdeportes.com>. Acessado em 20/01/2011.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Inventário de motivação para a prática desportiva (Gaya e Cardoso, 1998)

Para cada um dos itens abaixo, marque o quanto é importante o futsal para você:

01. Para vencer	1	2	3
02. Para exercitar-se	1	2	3
03. Para brincar	1	2	3
04. Para ser o melhor no esporte	1	2	3
05. Para manter a saúde	1	2	3
06. Porque eu gosto	1	2	3
07. Para encontrar os amigos	1	2	3
08. Para competir	1	2	3
09. Para ser um atleta	1	2	3
10. Para desenvolver a musculatura	1	2	3
11. Para ter bom aspecto	1	2	3
12. Para me divertir	1	2	3
13. Para fazer novos amigos	1	2	3
14. Para manter o corpo em forma	1	2	3
15. Para desenvolver habilidades	1	2	3
16. Para aprender novos esportes	1	2	3
17. Para ser jogador quando crescer	1	2	3
18. Para emagrecer	1	2	3
19. Para não ficar em casa	1	2	3

(1) nada importante (2) pouco importante (3) muito importante

APÊNDICE B - Descrição do Game Performance Assessment Instrument (GPAI) para o futsal

Índice de tomada de decisão (ITD) = n° de decisões apropriadas (TDA) / n° de decisões inapropriadas (TDI);

Índice de execução de habilidades (IH) = n° de execuções eficientes de habilidade (HE) / n° de execuções ineficientes de habilidade (HI);

Índice de suporte/apoio (IS) = n° de movimentos de apoio apropriados (SA) / n° de movimentos de apoio inapropriados (SI).

Desempenho global (DG) = $(ITD + IH + IS) / 3$

Envolvimento no jogo (EJ) = TDA + TDI + HE + HI + AS

Componentes utilizados e critérios de avaliação

Para o Índice de tomada de decisão (ITD) e para o índice de execução de habilidades (IEH) serão avaliados os fundamentos passe, drible e chute.

Índice de tomada de decisão

Passes apropriado (PA)

- Para um jogador desmarcado, desde que não esteja com grandes possibilidades de marcar o gol;
- Para dar continuidade a ações ofensivas;
- Como recurso.

Drible apropriado (DA)

- Para sair de uma zona aglomerada;
- Para sair de uma marcação, visando uma ação ofensiva;
- Para progredir para o gol, desde que não tenha um companheiro de equipe mais avançado e em condições de receber um passe.

Chute apropriado (CA)

- Quando está livre de marcação e com grandes possibilidades de fazer o gol;
- Quando não existe um companheiro em melhores condições para fazer o gol;
- Como recurso.

Os passes, dribles ou chutes inapropriados (PI, DI, CI respectivamente) são os que não atingem o que é proposto.

Índice de execução de habilidades

Passes eficaz (PE)

- Todo o passe que chega em boas condições de recepção ao companheiro a quem foi dirigido o passe.

Drible eficaz (DE)

- Toda a ação do drible que resulte em um ganho de vantagem sem que haja perda da posse de bola.

Chute eficaz (CE)

- Todo aquele que é direcionado à meta adversária, resultando em gol.

Os passes, dribles ou chutes ineficazes (PIn, DIn, CIn respectivamente) são os que não atingem o que é proposto.

Índice de suporte/apoio (IS)

Ações ofensivas (AO)

- Quando se livra da marcação e fica na linha do passe
- Quando abre espaço para que o jogador com posse de bola atue 1x1
- Quando se movimenta para auxiliar o jogador que está com a posse de bola.

Ações defensivas (AD)

- Quando impede a recepção de bola pelo adversário em condições de chute a gol
- Quando auxilia o companheiro, impedindo o atacante de chutar quando o companheiro foi incapaz de fazê-lo
- Quando impede que o adversário tenha condições claras de executar um chute a gol.

As ações ofensivas ou defensivas que não obtiverem êxito são consideradas inapropriadas.

APÊNDICE C – Solicitação de autorização para execução do projeto nos clubes

Pelotas, 15 de março de 2011.

Ilmo Sr.

Venho, pelo presente, solicitar a esta entidade esportiva autorização para realizar uma pesquisa de conclusão do Curso de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, com orientação do Prof. Dr. Telmo Pagana Xavier.

Informo que a pesquisa será realizada com crianças de 10 a 13 anos de idade que participam das escolinhas e equipes competitivas de Futsal oferecidas pelo clube, com o intuito de analisar a motivação dos atletas para a prática esportiva e o desempenho técnico-tático dos atletas durante esta temporada.

Saliento que a referida pesquisa não trará nenhum custo para o clube e também não acarretará nenhum prejuízo ao desenvolvimento dos treinamentos, sendo realizada em dias e horários previamente combinados com o responsável.

Em contrapartida, comprometo-me em elaborar um relatório de pesquisa assim que forem coletados os dados para que possa servir como uma referência para os treinadores e atletas quanto aos aspectos analisados.

Atenciosamente,

Carlos Eduardo Barros David
Mestrando em Educação Física
Universidade Federal de Pelotas

Ao Sr.

Coordenador do Departamento de Futsal

Clube _____

Pelotas – RS

APÊNDICE D - Autorização dos responsáveis para participação no projeto

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, em uma pesquisa de conclusão do curso de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.

Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado de forma alguma.

Informações sobre a pesquisa:

Título do Projeto: Associação entre os aspectos motivacionais e o desempenho técnico-tático em crianças de 10 a 13 anos praticantes de futsal.

Pesquisador Responsável: Prof. Carlos Eduardo Barros David

Telefone para contato (inclusive ligações a cobrar): (53)9101-8100

Professor Orientador: Prof. Dr. Telmo Pagana Xavier

Descrição da pesquisa:

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a associação entre os aspectos motivacionais para a prática do futsal e o desempenho técnico-tático obtido pelos praticantes de escolinhas e equipes competitivas de futsal durante uma temporada.

Metodologia: Será aplicado um questionário a todos que consentirem fazer parte da pesquisa, com o intuito de verificar os aspectos que motivam a criança para a prática esportiva, e após, serão selecionados de forma aleatória 12 alunos participantes de escolinhas e 12 atletas de equipes competitivas para uma análise do desempenho técnico-tático durante o ano de 2011. Os treinamentos e jogos destes atletas serão gravados em vídeo (filmadora) pelo responsável pela pesquisa. O desempenho técnico-tático destes atletas será avaliado através da análise de observações "in-loco" e da análise da gravação dos jogos e treinamentos durante a temporada de 2011.

Participantes da pesquisa: Serão participantes da pesquisa os atletas das equipes competitivas e os alunos das escolinhas de futsal da cidade de Pelotas com idade entre 10 e 13 anos.

Benefícios da pesquisa: Ao participar deste estudo você não terá nenhum benefício direto, mas esperamos que as informações obtidas com este estudo contribuam com elementos importantes à literatura, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

Riscos e desconfortos: Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, e não causam risco ou desconforto para os participantes.

Confidencialidade: Todas as informações prestadas são sigilosas e serão utilizadas somente para esta pesquisa. Os dados do voluntário serão identificados com um código, e não com o nome e a divulgação das informações será anônima e em conjunto com as respostas de um grupo de pessoas.

Liberdade para recusar ou retirar o consentimento: Você tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem sofrer nenhuma penalização.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para permitir sua participação nesta pesquisa. Portanto, preencha os itens que segue:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
RG _____ após a leitura e compreensão destas informações, entendo que a participação de _____, sob minha responsabilidade, é voluntária, e que ele pode sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Pelotas, ____/____/____ Telefone para contato: _____

Assinatura do Voluntário: _____

Assinatura do Responsável: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

APÊNDICE E – Parecer de aprovação do Comitê de Ética**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE ENFERMAGEM
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

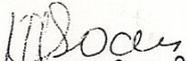
PARECER N ° 237/2011
Prof. Dr. Telmo Pagana Xavier

PARECER PROJETO DE PESQUISA

Senhor Pesquisador:

Após a análise do seu projeto por este comitê, considerando a realização dos ajustes solicitados, informamos que o projeto sob sua responsabilidade, intitulado: “Associação entre os aspectos motivacionais e o desempenho técnico-tático em crianças de 10 a 13 anos praticantes de futsal” foi **APROVADO**.

Protocolo interno N ° 026/2011


Prof.ª Dr.ª Marilu Correa Soares
Coordenadora CEP-FEN-UFPeL
COREN-RS 21885

Pelotas, 29 de junho de 2011.

ANEXOS

Validação do Instrumento Game Performance Assessment Instrument (GPAI).

O GPAI é um sistema multidimensional concebido para medir os indicadores do desempenho global dos jogadores, permitindo ao utilizador observações codificadas do comportamento dos atletas ao nível de tomada de decisão, execução de habilidades, ações de apoio.

A validação deste instrumento foi realizada da seguinte forma:

1) Com o objetivo de identificar os comportamentos observáveis do desempenho no jogo (validade do conteúdo), foi consultado uma equipe de peritos, constituído de professores de educação física e treinadores de diferentes modalidades (basquete, softbol, futebol e voleibol) com vasta experiência profissional (10 a 30 anos de experiência). Os termos e as definições foram revistos até que os seis peritos chegassem a um consenso sobre os componentes do desempenho e analisar em situação de jogo;

2) O teste inicial do GPAI foi realizado com estudantes da licenciatura de Educação Física (n = 18), que freqüentavam a disciplina de Desenvolvimento e Análise dos JDC. O grupo de modalidades estudadas incluiu o softbol, o futebol e o basquete;

Os estudantes foram agrupados em 2 a 2 e observaram o mesmo jogador durante 10 minutos de jogo, para avaliar os componentes especificados no desempenho do jogo. O valor médio dos acordos inter-observador para os componentes observados foi de 0,81 (futebol), 0,86 (softbol) e 0,83 (basquete);

3) A validade de construção do GPAI foi medida pelo sucesso na discriminação de indivíduos previamente classificados em dois níveis de desempenho (elevado e baixo). Em três estudos distintos (voleibol, futebol e basquete), foi pedido a professores de educação física que separassem os seus estudantes (alunos das turmas de 6º ano) em três níveis de desempenho no jogo: elevado, médio e baixo. Para o estudo foram excluídos os atletas classificados no nível médio;

Em cada uma das modalidades estudadas, foi realizado um pré-teste com base na análise de 5 minutos de registros de vídeo de jogos reduzidos de 6x6 no

futebol (n = 53), 3 x 3 no voleibol (n = 48) e 2 x 2 no basquete, e tomada de decisão e execução de habilidades e ações de apoio no voleibol.

O recurso ao teste t de medidas independentes permitiu perceber o poder do GPAI na separação dos estudantes classificados em níveis elevados e baixos da seguinte forma: a partir da capacidade da execução de habilidades nas três modalidades e tomada de decisão no futebol e voleibol.

Para se ter uma idéia mais completa da capacidade deste instrumento em distinguir os dois grupos de desempenho diferenciada foi calculada a magnitude do efeito, que variou entre 1,93 e 0,23, com 6 das 9 magnitudes superior a 1.

4) A fiabilidade do GPAI foi determinada recorrendo ao método teste-reteste. O reteste foi realizado em 30% dos estudantes, escolhidos de forma aleatória em cada um dos três estudos. Os coeficientes de correlação variaram entre 0,84 e 0,97 no futebol, 0,84 e 0,99 no basquete e 0,85 e 0,97 no voleibol. Estes valores permitiram considerar o instrumento fiável.